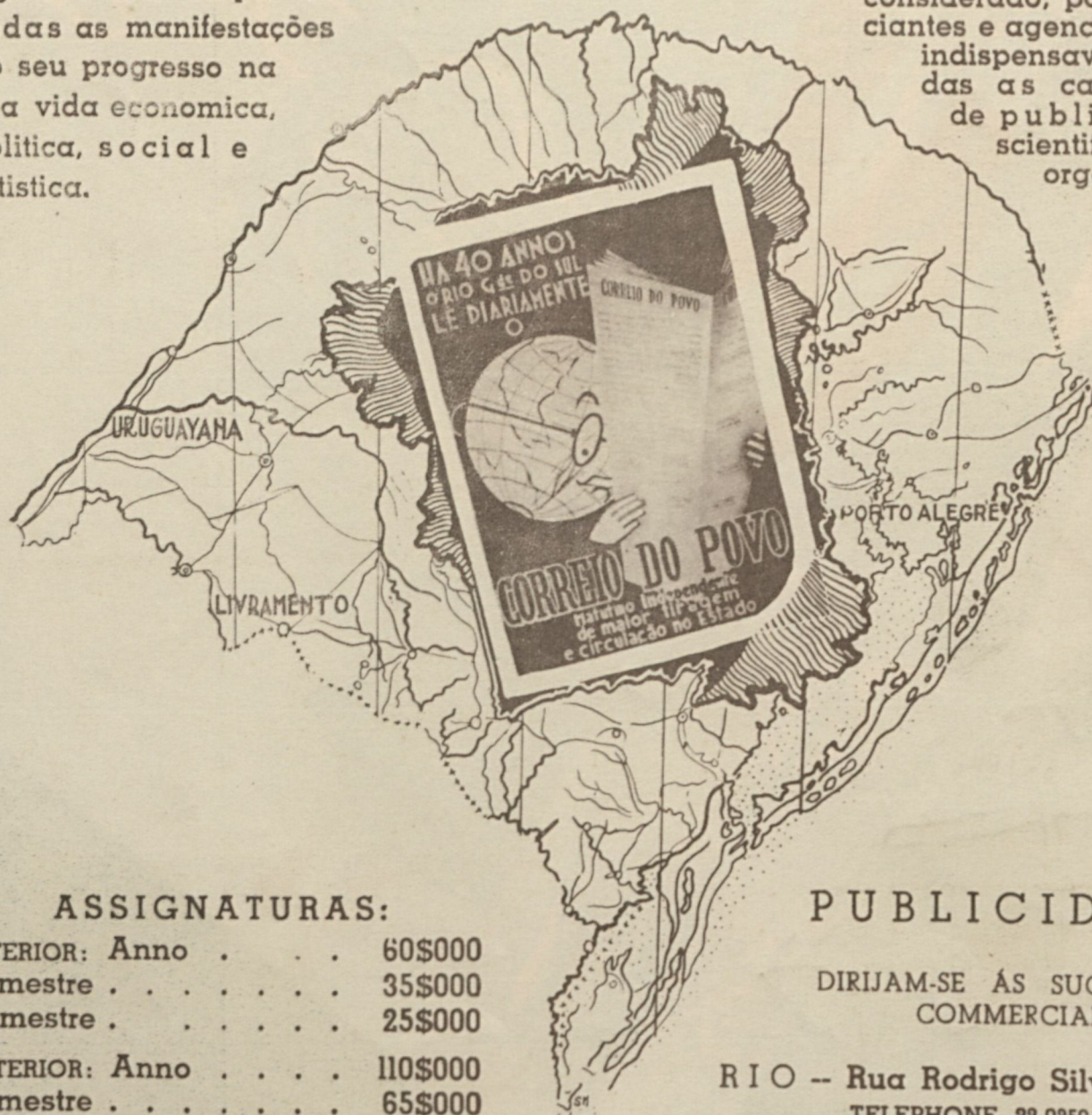
23 DE ABRIL DE 1936
ANNO XXXV
NUMERO 151
PREÇO 1$200
O MALHO

Para conhecer o Brasil ha dois meios: -- Viajar ou ler os grandes jornaes dos Estados

No Rio Grande do Sul o CORREIO DO POVO é o interprete autorisado de todas as classes sociaes. Ler, pois, o CORREIO DO POVO significa estar ao par de todas as manifestações do seu progresso na sua vida economica, politica, social e artistica.

O CORREIO DO POVO é um excellente meio de propaganda para o incremento das vendas de quaesquer productos, porque tem leitores em todas as localidades do Rio Grande do Sul. O CORREIO DO POVO é considerado, por annunciantes e agencias, como indispensavel em todas as campanhas de publicidade scientificamente organisadas.

ASSIGNATURAS:

INTERIOR: Anno	60$000
Semestre	35$000
Trimestre	25$000
EXTERIOR: Anno	110$000
Semestre	65$000

PUBLICIDADE

DIRIJAM-SE ÁS SUCCURSAES COMMERCIAES

RIO -- Rua Rodrigo Silva, 11 - 1.º
TELEPHONE 22-0350

S. PAULO--R. Libero Badaró, 24-2.º
TELEPHONE 2-6715

Redacção e Administração -- Rua dos Andradas, 960 -- Porto Alegre -- R. G. do Sul

O MALHO

Propriedade da S. A. O MALHO
Director: Antonio A. de Souza e Silva

Assignaturas: Annual . . . . . . 60$000
Semestral . . . . . 30$000

Redacção e administração
Travessa do Ouvidor, 34
Teleph. 23-4422 22-8073 CAIXA POSTAL 880
RIO DE JANEIRO

O proximo numero d'O Malho

Entre outros assumptos da proxima edição, destacamos:

O BEIJO NO PAIZ DAS CEREJEIRAS
Chronica de Benjamim Costallat. Illustração de P. Amaral.

PROSA DE BONECA
Conto de Mario Lopes de Castro. Illustração de Fragusto.

BURACO DE FECHADURA
Pensamentos de Berillo Neves. Illustração de Théo.

UM NOIVO PARA REMEDIO
Conto de Eustorgio Wanderley. Illustração de Fragusto.

O CIGARRO DE EVA
Chronica de Flexa Ribeiro. Illustração de Cortez.

OS PORCOS
Poesia de Luiz Peixoto. Illustração de Théo.

COMO SE NAMORAVA NOS FINS DO SECULO XVIII
Chronica de Carlos Maul. Illustração de Théo.

SECÇÕES DO COSTUME

SENHORA
DE TUDO UM POUCO
Por Sorcière
PARA A GALERIA DOS "FANS"
Por Mario Nunes
BROADCASTING EM REVISTA
Por Oswaldo Santiago
Nem todos sabem que... - Carta enigmatica e palavras cruzadas — Caixa d'O MALHO.

CONCURSO ALBUM DE ARTE E LITERATURA

Continuando a divulgação das paginas que integrarão o Album de Arte e Literatura, offerecemos hoje aos leitores a que contém um lindo soneto de Olegario Marianno, illustrada por J. Carlos.

Correspondendo-lhe, publicamos abaixo o coupon n.° 26, que o colleccionador fará collar no Mappa, no logar competente.

Estamos bem proximos, já, do final do magnifico certamen, e muito breve teremos deante de nós o grande sorteio que decidirá quaes os felizardos que receberão os tentadores premios a que aqui temos feito referencias.

Esses premios, como temos frisado sempre, estão ao inteiro dispôr dos senhores concorrentes, para serem vistos e examinados nas casas onde foram adquiridos.

E' natural que cada colleccionador tenha já fixado suas preferencias e suas esperanças neste ou naquelle premio. Por que não ir, pois, vel-o de perto, contemplal-o e, mesmo, **magnetisal-o** com o olhar para que elle lhe não "escape", no dia do sorteio?

3.° Premio — Valor 3:600$000

Um dos premios mais tentadores, e que certamente é dos mais desejados é o 3.°, essa bonita geladeira electrica **Crosley**, modelo F. A. de valor de...... 3:600$000. Pois essa geladeira está ali á rua S. José, 117, na Casa Stephen, onde os seus **candidatos** podem, sem cerimonia, examinal-a. A Casa Stephen é a representante dessas esplendidas geladeiras **Crosley,** a marca mundialmente acreditada.

Olegario Marianno, autor do soneto que apparece na pagina do "ALBUM DE ARTE E LITERATURA" divulgada com este numero de O MALHO, nasceu em Recife, a 24 de Março de 1889. E' filho do tribuno abolicionista José Marianno. Veiu para o Rio aos 8 annos de edade e aqui tem permanecido sempre, desenvolvendo grande actividade intellectual e formando um nome literario de projecção nacional.

Eleito para a Academia de Letras, em 1926, ali occupa a cadeira que tem por patrono Joaquim Serra, na qual succedeu a Mario de Alencar.

Fez parte da Assembléa Constituinte de 1934.

Entre os seus muitos livros publicados, destacam-se: *Angelus, Evangelho da Sombra e do Silencio, Agua corrente, Ultimas cigarras, Castellos na areia, Cidade maravilhosa, Canto da minha terra, Poemas de Amor e de Saudade, Destino, Theatro, Poesias escolhidas, O amor na Poesia brasileira, Collectanea de traductores*, e promette para breve: *O enamorado da Vida*.

EXEMPLARES ATRAZADOS

Ainda temos em nosso escriptorio, para venda avulsa, os numeros de O MALHO e MODA E BORDADO que trazem os coupons anteriores ao de hoje. Attenderemos a pedidos do Interior. Mandaremos tambem a capa do Album, mediante envio de 1$000 para o porte no Correio.

O AMOR INFELIZ DE MARILIA DE DIRCEU

Marilia de Dirceu creação de Seth.

Augusto de Lima Junior acaba de publicar mais um bello livro.

E' a narração commovida dos amores infelizes do poeta ouvidor Thomaz Antonio Gonzaga, com a donzella de Villa Rica, Maria Dorothéa, amores esses immortalisados no poema MARILIA DE DIRCEU.

Historiador abalisado, perfeito conhecedor do assumpto, o escriptor Augusto de Lima Junior apresenta-nos essa historia sentimental com um admiravel colorido de estylo e solida documentação.

O autor soube apresentar nesse esplendido ensaio biographico, as duas vidas do poeta e sua amada, com um encanto novo.

Seth, o admiravel artista, collaborador efficiente dessa obra de Lima Junior, desenhou os retratos dos protagonistas e os aspectos locaes onde se desenvolveu a triste historia desses amores.

São desenhos de reconstituição historica do mais alto valor, sendo a primeira tentativa entre nós, desse difficil genero.

"O amor infeliz de Marilia de Dirceu" é livro obrigatorio em todas as estantes brasileiras.

Enlace Zuleika da Fonseca e Oswaldo Arêas Lopes ha dias realisado nesta Capital.

ZÉ DO MATTO (Bahia) — Não poderia, de momento, dar-lhe noticia de collaborações anteriores. As cartas vão sendo respondidas, mais ou menos, á medida que chegam. Digo "mais ou menos" porque, ás vezes, uma ou outra se afunda em alguma das minhas gavetas, e é o diabo para pescal-a de novo. As collaborações vão sahindo de accordo com as necessidades de paginação da revista. Quanto á remessa de hoje, ha alguns bons sonetos, sobretudo "Desesperação". Acho o enredo do conto banal e o dialogo um tanto precioso, pois as suas personagens, uma vez por outra, atiram phrases literarias para c i m a da gente. A chroniqueta não serve para O MALHO. Esses arrulhos de namorados só se toleram aqui, em verso. E olhe lá!

A vivaz e intelligente garota Diva, filhinha adorada do casal Abdias Ferreira da Silva-Carmosina Ferreira da Silva, residentes em Realengo.

E. C. (Recife) — Não entendo quasi nada de psychanalyse. Isso é mais com os medicos. Demais, esta secção aqui só se occupa de literatura. "Pandora" tem alguns lampejos de lyrismo, mas tambem está cheia de preciosissimos vasios. "Desejos sem Freud" não possue nenhum merito artistico.

UBIRAJARA (?) — O acrostico está certinho, mas os versos, não.

Este terceto vale... uma boa gargalhada:

"A tua meiga voz, teu olhar do-
[minador,
Me fez o coração pela vez primei-
[ra,
Ornado, pular nas garras do amôr."

V. não acha comico imaginar o seu coração, ornado (de que?), pulando ante o olhar dominador de sua Perolina?

RABISCADOR (Guaratinguetá) — Mas quanto mysterio e quanta cerimonia! Sobre as suas collaborações, tenho a dizer-lhe o seguinte: Parece-me que V. se encharcou de literatura antiga. Seu estylo é de dramalhão, de dramalhão barato, mraca "João José", "Os dois sargentos", "Martyr do Calvario". Suas poesias começam com declamações:

"Risos e flores! Tudo! Oh! Tudo
[me roubaste!
O amor, querida, eu choro... o
[amor que me negaste!"

...e terminam com declamação:

"...quão desventurado,
O amante coração de um pobre
[despresado!"

Qual! Isso não vae nem com musica da "Dalila". O conto não sabe desse estylo sepulchral. Uma pequena amostra:

"Soluçante, respondeu:

— Roberto! Sabe Deus a dôr com que digo ser fatal o teu presentimento!

O desventurado moço cambaleou. Parecia ouvir uma sentença de morte!

Isabel continuou, entre lagrimas:

— Como eu maldigo a hora em que te escrevi aquelles alheios pensamentos que transformaram as perfumadas flores e o encanto da minha vida, nos mais agudos espinhos e no sepulchro de dôr que arrasto agora para onde quer que eu vá! Tudo para mim é tenebroso! Vejo a dôr estampada no sorrir do homem, das flores, da propria natureza! Tudo se me afigura uma gargalhada cynica da sorte que me conduz a vida infeliz!"

Sou capaz de apostar que V. mora defronte ao cemiterio e escreve, com uma caveira em cima da mesa, uma coruja pousada no hombro direito, aspirando um cravo de defunto.

MORENO (Faxina) — Merece o sarcophago. E' muito bem merecido. *Requiescat in pace.*

MAURICIO MORAES (São Paulo) — Esperei-o aqui para falar-lhe sobre os seus trabalhos. Por isso, retirei a resposta que já estava na "Caixa". Aqui vae ella: só é possivel aproveitar, da remessa, "O homem que não quiz morrer". O soneto, passavel, mas o seu caracter politico é incompativel com o genero desta revista.

PETIT MIGNON (Bahia) — Com toda boa vontade, não é possivel aproveitar coisa alguma do seu soneto. Simplesmente intragavel.

MATUTO (Pernambuco) — A observação da vida nos mocambos de uma grande cidade offerece optimo scenario para um conto forte. O seu é mediocre, apesar da prosa agradavel. As personagens movem-se como automatos e o thema não passa de uma velha chapa ultra-batida.

SALVADOR PORTO (Campo Grande) — Não incommoda nada. Pode continuar enviando suas producções. A de a g o r a tem umas phrases bonitas, mas o conjuncto não vale grande coisa. Mesmo que o resto prestasse, bastariam estes dois versos para arrastar os outros doze para o fundo da cesta:

"A Natureza prodiga faz jús
De enaltecer a Patria florescente...

RONALDO MAURO (João Pessôa) — Não ha meio de apurar qualquer coisa do que V. enviou. "A cidade dos meus sonhos" e "Esperança" são más. A ultima poesia, que V. teve a gentileza de offerecer-me é, porém, peor do que as outras duas juntas. Gratissimo.

PRINCIPIANTE (V i l la do Americano — Pará) — Substituindo a palavra *vê* por *encontro*, o ultimo verso fica muito mais harmonioso. Mas, assim ou assado, o soneto é inaproveitavel, pois o que lhe falta não é metrica, mas imaginação, originalidade, poesia.

FRAM KAMAR (Porto Alegre) — Homem, boa vontade não falta nesta casa. O diabo é que seus sonetos são uma horrenda mexinifada que ninguem entende. Infelizmente, não mantemos aqui uma secção de disparates. Nesta, os seus sonetos sahiriam em logar de destaque.

M. PIÚMA (Jaguarão) — Creio que se aproveitará tudo, com alguns retoques. Não nas photographias, mas na prosa...

RONALD (S. Paulo) — Achei fracos o conto e o poema em prosa. Aquelle ainda mais do que este. Não ha logar para nenhum dos dois.

MANOEL GREGORIO (?) — A esta altura, só aproveito coisa muito boa. Os seus poemas não se acham nestas condições.

RONASSA OVIDIO (Rio) — V. está pondo ordem nos seus escriptos e, de sua antiga exaltação, só resta, agora, uma quéda pela linguagem literaria. Suas personagens falam com muita emphase. As cartas e a narrativa se resentem desse mesmo defeito. Continúe marchando para a simplicidade. E' o que ainda falta aos seus escriptos.

I. KUGIMA (S. Paulo) — O desenho, bom. Mas o conto não serve.

Dr. Cabuhy Pitanga Neto

Nem todos sabem que...

NA Italia, acaba de apparecer, sob os auspicios do Departamento Internacional de Saude, um relatorio estatistico cheio de detalhes curiosos. Diz-se ali que, na época de Dante "o meio do caminho de nossa vida" era a edade de 30 annos e que, nos tempos actuaes, o homem normal deveria chegar aos 73 annos. Na Italia, a longevidade é um acontecimento commum. O numero de longevos, de 90 annos para cima, é calculado em 12.000. A região mais propicia á vida longa é Boca, em Novara, onde se contam mais de 30 centenarios. O "record" de longevidade cabe a uma mulher napolitana, Carinela Landi, nascida a 8 de Fevereiro de 1830. Para se attingir a uma vida longa faz-se mister o seguinte, que nos é aconselhado por um mathusalem italiano: calma de animo, ordem, moderação, caminhar sem pressa, dormir bem, não se cançar.

A' commemoração dos mortos de Adua (1896), Gabriel d'Annunzio enviou a Mussolini uma mensagem nestes termos: "Benito Mussolini, mando-te hoje a mais recente amostra de minha industria do Vittoriale: uma caixa de palissandra ornada de motivos de prata, segundo uma das mais elegantes decorações de Leonardo de Vinci. Não é para nella collocares cigarros ou pennas de aço, porém os modelos dos mais novos cartuchos... Na Campanha de Adua, eu contava 30 annos. Quantas baixezas se proferiram contra a Patria e contra a morte! Ambas foram offendidas de uma maneira obscena! A cloaca transbordou. Fui preso na praça Montecitorio por injurias e ameaças em publico contra as autoridades. Depois de ti, sou o que celebra com mais orgulho a data. Afasto de mim a velhice e zombo do tempo".

O salario medio de um instrumentista da "Philarmonica" de Nova York varia entre 75 a 91 dollars semanaes. O primeiro violino, violoncello, clarinetta recebem até 225 dollars. O maestro Toscanini percebe por concerto 2.225 dollars. Annos atraz, Kreisler e Rachmaninoff embolsavam mais, 2.500. As despesas annuaes da "New York Philarmonic Orchestra" attingem á somma de 686.000 dollars. A "Philarmonica", de ordinario, por concerto, encaixa 4.000 dollars, sejam 460.000 por temporada. O primeiro concerto da notavel organização deu-se a 7 de Dezembro de 1842, quando New York era ainda uma cidade sem importancia, com casas de tijolos, becos mal calçados e innumeras tavernas. A inauguração da "Philarmonica" realizou-se com a execução da "V Symphonia" de Beethoven por sessenta e tres musicos. Os seus tres primeiros regentes de orchestra foram Carl Bergmann, Theodor Thomas e Anton Seidl. Este falleceu em 1898, o que causou um enorme transtorno á sociedade musical. Os illustres maestros Weingartner, Safonov, Colonne, etc., ali se fizeram applaudir, á frente de grandes orchestras.

O primeiro presidente da Associação Commercial, Filippe Nery de Carvalho, pereceu victima de uma facada, quando sahia do theatro, á noite de 9 de Julho de 1843. O criminoso, um escravo de nome Camillo, agiu por conta de outro escravo, chamado Vicente. O assassino, levado á barra do Tribunal, foi condemnado á pena capital, a forca, sendo executado no Campo de Sant'Anna, aos 12 de Agosto daquelle anno. Era chefe de Policia, então, o Dr. José Mattoso de Andrade Camara, a quem se deveu a descoberta do criminoso, após um interrogatorio habilmente conduzido.

Interesses do Brasil

A "Hora do Brasil" continua mal orientada. Temos observado, em varios dos seus programmas recentes, a inclusão de fox-trots americanos e numeros populares estrangeiros.

Ora, nada justifica semelhante facto.

A "Hora do Brasil" deve, acima de tudo, fazer propaganda do que é nosso, seja musica classica, estylisada, regional ou popular.

Para irradiar a musica americana, já incluida em films que correm o mundo e conhecida em todas as grandes cidades, não é necessario, evidentemente, a nossa collaboração.

O governo brasileiro, que gasta bellas sommas com o pomposo Departamento do Sr. Lourival Fontes, deve exigir que os seus cuidados se dirijam para os nossos interesses artisticos.

Para ouvir "fox-trots", sambas e tangos não se precisa de um programma official.

Bastam os que as estações particulares transmittem de manhã á noite, uma dellas até hostilizando a producção nacional.

A arte não tem patria — dizem.

Mas a propaganda deve ter, principalmente no caso em apreço, em que ha duas partes prejudicadas: — a nossa arte e a nossa patria...

O. S.

UMA EMBAIXATRIZ DA ARTE ARGENTINA

Lucia Montalvo conquistou um bello logar no mundo artistico argentino. No theatro, passou das revistas á opereta e á comedia musicada. Dona de uma linda voz e de uma physionomia expressiva, seu apparecimento em "Wunder Bar", "Miss Italia", "Marletti de Buzano" e outras operetas modernas, marcou exito perduravel não só em Buenos Aires, como em Montevidéo e S. Paulo. Da opereta passou ao cinema e tomou parte em muitas filmagens na capital argentina. Depois actuou no radio e juntou novas glorias ao seu nome, occupando o microphone da Radio Excelsior, da Radio Nacional e da Radio Phenix, na cidade portenha. Ha alguns dias que o Rio a hospeda. Estreará numa das nossas estações e, de certo, vencerá entre nós como venceu em outras partes.

RADIOLETES

A famosa orchestra de Duke Ellington foi contractada pela Belgrano, de Buenos Aires. "The California Blackbirds" possivelmente se farão ouvir no Rio.

Milonguita depois que deixou de ser director artistico da "Ipanema", passou a galã ou servente. E', pelo menos, quem mais attende o telephone da estação...

A revista "Voz do Radio", que Francisco Galvão está dirigindo, festejou o seu 1º anniversario a 15 do corrente, realizando uma noitada de arte no "João Caetano".

As "Viagens Internacionaes", que a "Transmissora" tem irradiado, são qualquer cousa de novo e interessante no nosso radio.

BRÉQUES

— Já sabes?

O Mario Reis, o melhor cantor do genero, vae deixar de cantar samba!

— Oh! E por que?

— Porque tendo sido nomeado official de gabinete do Prefeito, que é padre, só deve cantar, de agora por deante, musica de egreja...

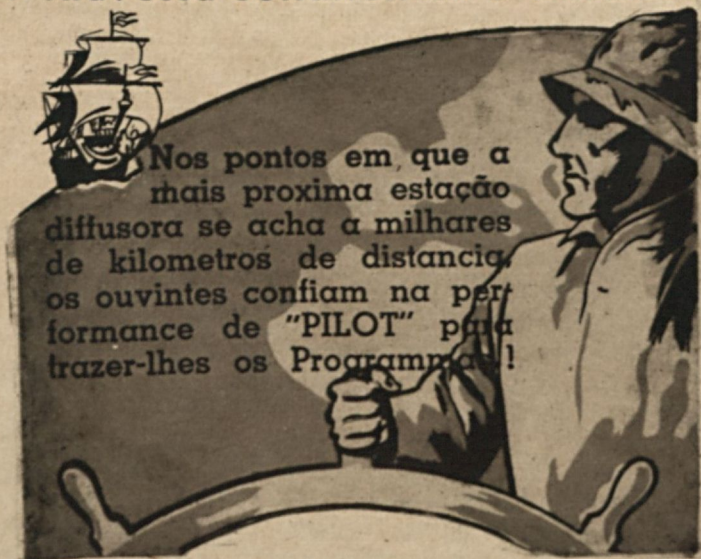
— Coitado! Requiescat in pace...

A VOZ DO OUVINTE

"SAMBANDO NA LETRA"

O chocante esboço da mór parte da letra de nossos sambas — sobremodo, dos sambas de maior projecção — vem se sentindo de um modo assaz contristador. A' guisa de publicidade ou quiçá de personalidade que se impuzesse nas "rodas do samba", creou o compositor obscuro o prototypo de suas inspiradas composições, ou seja o "Malandro". E o "snob" no afan incontido de si mesmo, irreverente á ethica, elevou esse typo vulgar e apathico como si fôra o malandro algo de extraordinario a nós outros, e do vulgar, passou a vulgarizar-se esse Adão de tamancos e lenço ao léo. Que incoherencia! Veja-

FLAGRANTES

No studio da "Cruzeiro do Sul", num momento de ensaio. Vê-se o Conjuncto Ipanema, o cantor Arnaldo Amaral, e as cantoras Itala Vera e Linda Baptista, esta ultima eleita "rainha do radio", recentemente.

mos a repercussão que trarão lá fóra nossos sambas ricos em nuances; os commentarios por certo serão alacres, porque em se dizendo de um paiz de selvagens — conceito perfido — não faltará quem se lhe junte este epitheto "... e por excellencia um paiz de malandros". Procuremos sentir mais intimamente a "natura"; embrenhemo-nos por ella e tudo ser-nos-á immensamente grandioso. Motivos temol-os ás mancheias. Quem por ventura se furtará ao encantador sorriso da "Moreninha" brasileira, brejeira e loquaz?

Sejamos sensatos!

A. FONTENLA

COUSAS POSSIVEIS

— O Francisco Alves cuspir tres vezes em cada minuto de palestra.

— As Irmãs Pagãs andarem de "maillot" na Avenida e nos studios.

— A Silvinha Mello casar com um photographo.

— O Assis Chateaubriand arranjar, para a "Tupy", um annuncio da Abyssinia.

— O Benedicto Lacerda dedicar outra valsa a Lela Casatte.

MUSICAS NOVAS

Dan Mallio Carneiro, um dos compositores de maior acceitação, confiou a Francisco Alves a gravação de duas valsas suas, intituladas: — "Dôr occulta" e "Ultima Cartada".

—

"Nuvem de pó" é o titulo de uma valsa que Carlos Galhardo gravou na "Victor" para continuar o exito de "Cortina de Velludo".

SAMBA E TANGO

Deante deste cliché, o Cesar Ladeira bradaria, como num dos seus annuncios:— "Assombração? Não!..." E não é mesmo, não. E' a cantora Itala Vera, numa pôse expressiva, interpretando canções do "folk-lore" brasileiro. Itala Vera é argentina, mas especializou-se em cousas nossas. Na Radio Stentor, de Buenos Aires, e em outras estações platinas, ella tem feito optima propaganda da musica nacional.

Rs.
200$000
Rs.
200$000
SÉRIE A
ESTADO DE MINAS GERAES
SÉRIE A
DIVIDA INTERNA FUNDADA
Nº 390050
Nº 390050
DECRETO No. 11.412 DE 30 DE JUNHO DE 1934
MODIFICADO PELO DE No. 11.419 DE 5 DE JULHO DE 1934
Ao Portador desta Apolice se pagará o seu Valor Nominal, mais o juro de 5% ao anno, nos termos das clausulas impressas no verso.
SECRETARIO DAS FINANÇAS
DIRECTOR DA CONTABILIDADE
DIRECTOR GERAL DO THESOURO

as desigualdades da vida

Chove torrencialmente.

Ruas alagadas.

Lá fóra, o asphalto brilha sob os fócos electricos. E os automoveis escorregam com ares de mysterio.

Na sua poltrona quente e profunda, o homem lê um livro esplendido numa encadernação rara. E fuma. Um charuto maravilhoso. Um "havana" de raça que sóbe, em espiraes azues, sob o grande "abat-jour" rubro.

A bibliotheca aquecida tem uma temperatura morna de estufa. Estufa para os prazeres delicados do espirito.

Ao lado, uma pequena mesa com café quente e licores finos.

O aguaceiro, lá fóra, é ainda mais forte.

O homem abre a bocca. Espreguiça-se e murmura, entre duas lentas fumaradas, vagarosamente:

— Oh! que chuva maravilhosa!...

Tres horas da madrugada.

O homem é outro.

Mas a chuva é a mesma.

Os sapatos encharcados, elle vae andando...

Mais dez minutos, estará na Central. Trem de suburbio. Longa espera. Apitos sinistros na madrugada silenciosa e fria.

Outros dez minutos para chegar em casa. Sempre a pé. Sem capa, sem guarda-chuva, sem nada...

Elle vae andando, como todas as noites. Ha trinta annos... Ha trinta annos que, como revisor de jornal, revê as mesmas asneiras...

A chuva cahe, cada vez mais forte. Mas o homem não commenta a chuva. Não commenta mais nada. Ha muitos annos que elle não commenta mais nada. Viu que não adeanta...

Se elle commentasse ainda, diria cousas horriveis sobre a chuva... a tuberculose... as desegualdades da vida...

BENJAMIM COSTALLAT

O Ganges e a civilização de Brahma

Templo subterraneo de Ajunte, em Bombaim, construido sob a inspiração religiosa.

O pantheon social da India, extravagante como os mythos de Trimurti e solemne como os templos do Nepal, repousa sobre as columnas rigidas das castas. O Manava-Dharma-Sastra, fonte originaria da legislação civil e religiosa, evoca Brahma que faz nascer da sua bocca o Brahmane, engendra do seu braço o Kchatrya, extrahe da sua perna o Vaisya, forma do seu pé o Sudra. A casta sagrada e sacerdotal, figurada pelo Brahmane, ora aos deuses, instrue os reis, medita sobre os Védas. A casta militar e guerreira, representada pelo Kchatrya, protege o paiz, defende o povo, vela pelas instituições. A casta laboriosa e industrial, symbolisada pelo Vaisya, dedica-se ao commercio, cultiva a terra, faz progredir as industrias. A casta servil e domestica, estampada no Sudra venera o sacerdote, obedece ao guerreiro, serve ao commerciante. As quatro castas primitivas elaboradas por Brahma e assim desenhadas por Manú, sempre viveram e sempre vivem separadas, jámais se confundem umas com as outras. Uma penalogia minuciosa e severa, interdiz toda a communhão, mesmo qualquer convivio ligeiro, entre pessoas de castas differentes.

SOBERANO ABSOLUTO DOS SÊRES

O titulo de Brahmane passou a ser hereditario com o tempo, com a separação progressiva das castas, que não existiam no periodo vedico. Pouco a pouco, os sacerdotes indús se apossaram dos Vedas, excluiram da meditação das leis e doutrinas os outros membros da sociedade, implantaram a supremacia dos Brahmanes, que se transformaram em senhores das instituições. Elles se fundamentaram no texto de Manú, onde a voz legendaria estatuiu: "O nascimento do Brahmane é a perpetua encarnação da justiça, quando nascido para a execução da justiça, o Brahmane está destinado a se identificar com Brahma. Vindo ao mundo, o Brahmane está collocado na primeira ordem sobre esta terra. Soberano absoluto de todos os sêres, deve velar pela conservação do thesouro das leis civis e religiosas. Tudo o que este mundo contém, é de alguma maneira, propriedade do Brahmane. Pela sua primogenitura e pela sua geração eminente, elle tem direito a tudo quanto existe". Os doutos gangeticos dos Védas, se empenharam em lutas tremendas, para manter a hegemonia social. O brahmanismo não exprime uma religião da India, constitue um typo de sociologia, ás vezes cosmogonica, outras vezes religiosa, nem sempre mystica, quasi sempre absurda e desnatural, que se distingue das outras, pela concepção austera das castas. A sociedade brahmanica é a deformação completa da vida dos Aryas, onde o sentimento da liberdade tudo sobrepujava. A existencia do Brahmane se afasta muito, do viver lhano e pastoril dos cantores vedicos. A musica, a caça e a dansa, são divertimentos interdictos ao sacerdote indú, que deve se entregar á abstinencia e á humildade, praticar o anachoretismo, a virtude, a sabedoria. A contemplação permanente lhe está reservada, como supremo regosijo e prazer. Os Brahmanes estudam o Rig-Véda em sanscrito, a lingua ignorada do povo, o idioma sagrado e melodioso. Trazem sobre o peito, um cordão composto de outros menores, em numero de vinte e sete. A casta brahmanica, de onde sahem os doutos da religião indú, detem em seu poder os Védas, ha millenios.

Luxuoso cortejo de Rajah, na região de Jeypor

Guerreiros indús nas montanhas Afganistam.

A HISTORIA DO MUNDO

Os sabios do Ganges, descrevem a historia do mundo, em quatro phases moraes. A primeira época, a mais longa de todas, constitue a phase da pureza original, com duração de 3.200.000 annos. A vida humana alcançou 100.000 annos. A segunda época, já decrescendo em longevidade, se caracterisou pelo inicio da corrupção, attingindo ...... 2.400.000 annos. Um terço da humanidade estando dissoluta, o homem só viveu 10.000 ,annos. A terceira época onde se viu a depravação parcial do genero humano, teve 1.200.000 annos de existencia. A longevidade decadente do homem não ultrapassou de 1.000 annos. A quarta época, phase do aviltamento moral da humanidade, que outra edade não é, senão a época do presente, se limitará á 400.000 annos. Deste tempo, já vivemos 50.000 annos. A vida humana está reduzida a 100 annos de limite. Os textos sagrados da India, desconhecem a inundação diluviana. Ensinam os Brahmanes, que elles não se referem á catastrophe de Noé, porque suas origens datam de tempos immemoriaes, anteriores ao Diluvio.

O ABYSMO SOCIAL QUE CREOU A DOUTRINA DA CASTAS

A proeminencia da casta brahmanica é completa, a ponto de se dizer em toda India que o seu representante deve ser mais venerado do que a pessoa do rei. Além dos Védas, os Brahmanes monopolisam o instrumento judiciario, que nas suas mãos frias e liturgicas, se transformam num effeito enorme de

autoridade e de prestigio. Assim, todo soberano deve manter ao seu lado, um douto iniciado na sabedoria de Brahma, como conselheiro de politica e de justiça. Manú ordena o mais absoluto respeito á vida do sabio, que medita os Védas e estuda o Manava-Dharma-Sastra: "Que o rei se abstenha de matar o Brahmane, ainda que elle tivesse commettido todos os crimes possiveis, que elle o expulse do reino, deixando-lhe todos os bens e sem lhe fazer o menor mal. Não ha no mundo, maior iniquidade, do que o assassinato de um Brahmane, eis porque o rei não deve mesmo conceber a idéa de condemnar á morte um Brahmane". Por si mesma, a concepção da casta não surprehenderia, se não houvesse o exaggero e a monstruosidade das leis, que distinguem e separam os homens, por abysmos que fazem da sociedade indiana, o mais disforme dos systemas sociaes. Manú consagra a personalidade do Brahmane, mas avilta a pessoa do Sudra, a casta servil, cujos direitos são nullos. O homicidio do sacerdote brahmanico, é a maior ignominia do mundo, porém o assassinio do Sudra equivale á morte de um lagarto, de um sapo, de um gato, de um cão. Deante do Sudra, o Brahmane fica prohibido de ler os Védas ,seja em voz alta, seja apenas com os olhos. O Manava-Dharma-Sastra, codigo fabuloso da India, interdiz ao Sudra o direito de accumular bens, ler os livros santos, sentar-se ao lado de individuos das outras castas. O Brahmane que ensinar a leitura dos Védas a um Sudra, ficará deshonrado para sempre. A casta militar, o Kchstrya, póde apreciar o Rig-Véda, embora seja inferior aos doutos brahmanicos. Ha millenios, que as castas vivem separadas, moram distantes e jámais se reunem. Nesmo nas horas de refeições, os indús não se misturam. O Sudra é um individuo, que o Codigo de Manú lança no maior aviltamento: "Um homem da ultima classe, que insulta Dwidjas com invectivas affrontosas, merece ter a lingua cortada, porque elle foi produzido pela parte inferior de Brahma. Se elle os designa por seus nomes e por suas classes, de uma maneira ultrajosa, um estylete de ferro, com dez dedos de comprimento, será enterrado fervendo em sua bocca. Que o rei lhe faça derramar oleo fervendo no ouvido e na bocca, se elle tiver a imprudencia de dar conselhos, aos Brahmanes, relativamente ao seu dever". Ninguem póde amar uma mulher de casta superior, a ninguem é permittido sahir de uma casta para outra. A sociedade brahmanica, assim distribuida e assim divorciada, não se funde nunca, compõe um edificio informe, cujas partes pesam umas sobre as outras sem produzir a harmonia da architectura social.

O PRECONCEITO E OS SEUS EFFEITOS ASSOMBROSOS

A morte civil abate todas as pessoas, que infringem a sociedade brahmanica. O homem banido da sua casta perde todos os direitos sociaes e juridicos, ninguem negocia com elle, ninguem o attende, ninguem lhe faz justiça. O brahmanismo interdiz aos parentes soccorrer os decahidos. Mesmo a religião lhes negam. Malte-Brun relata dois acontecimentos expressivos do preconceito, na terra dos Rajahs. Em viagem, sentindo-se torturado pela febre da sêde, um Brahmane encontrou uma mulher de casta inferior, que levava aos hombros um jarro com agua. Elle lhe pediu de beber. Temeroso da lei sagrada, que prohibe todo convivio com pessoa servil, o Brahmane traçou um risco sobre a terra para que a mulher não o tocasse. Passaram outros Brahmanes, que viram a scena, se apressaram em denuncial-o e pouco faltou para a sua expulsão da casta preeminente. Outro episodio, mais pathetico e mais impressionante, illustra o horror da sociedade indú. Estando moribundo, um Brahmane de Calcuttá, se fez transportar ás margens do Ganges, para morrer contemplando o rio sagrado. Um barco de inglezes, singrou proximo do Brahmane agonisante e um passageiro se compadeceu do indú, reanimou-o, reconduziu-o para Calcuttá, salvou-lhe a vida. Sabendo do occorrido, os outros sacerdotes proclamaram a sua infamia e baniram-no da casta. Inutilmente provou o inglez, a innocencia do Brahmane, que estava sem sentidos, não tivera consciencia de nada. Os companheiros repudiaram a defesa, allegando que elle entrara em contacto com um estrangeiro, havia bebido e comido em companhia impura. A morte civil reduziu-o á miseria. Os tribunaes britannicos intervieram na demanda e ordenaram ao inglez, que sustentasse o Brahmane despojado da casta. Tres annos de humilhações, de infortunio, viveu o innocente banido e quando a morte se reapproximou delle, novamente se fez transportar ao Ganges, em cujas margens sagradas morreu. Ninguem ousou salval-o, quando a lei da casta já o considerava morto.

DE MATTOS PINTO

O imponente palacio do Maharajah e os seus formosos jardins, em Jeypor

Photographia offerecida por Guerra Junqueiro ao seu amigo Luiz de Andrade

COFRE DE RELIQUIAS

Sobre cartas do immortal Guerra Junqueiro ao emerito escriptor e jornalista Luiz de Andrade.

Guerra Junqueiro, a mentalidade sonora, que desdobrou a intelligencia em affectos e rimas, "molhando a penna na tinta fresca da aurora", foi amigo intimo de Luiz de Andrade e, com elle, trocou cartas magnificas.

Trocou cartas com Luiz de Andrade, que lhe foi amigo predilecto, visto como uma intelligencia attrahe a outra e se funde. com ella, em emoções, para a alta creação, em que a palavra vae ennobrecer e vae fixar-se no sentimento alheio.

E Andrade bem merecia do colosso luzitano a dedicação e a sympathia: seus livros bastam para isso, além de sua prosa encantadora, de *verve crystallina*.

Seus livros o fizeram digno do Grande Guerra: "Considerações sobre a batalha de Avahy", "Caricaturas em Prosa", "Quadro de hontem e de Hoje" e tantos outros foram bastante prova da eloquencia espiritual do saudoso Luiz de Andrade — cantor de exaltadas bellezas na época do abolicionismo.

E bem fizeram as cartas do autor da "Morte de D. Juan", pois ellas nos fizeram saber que o estatuario do verso ameaçara o Brasil com a sua vinda ao Rio de Janeiro, onde viria abrir "uma grande fabrica de vinhos, com duas libras esterlinas apenas, e recitar, durante duas noites, "O sonho de Jehovah."

Os vinhos seriam baratos — 12 réis por barril — e o recitativo teria naturalmente, a gloria de o immortalizar.

O caso, aqui no Brasil seria, portanto, serio, tal affirmara o poeta.

Ha, tambem, carta interessante, em que Guerra Junqueiro escreve a Luiz de Andrade, debaixo de espirito trocista e inverte os titulos de seus livros, dando á Velhice do Padre Eterno o nome de "A Velhice do Reverendo Eterno" e ao que se intitula "A Morte de D. Juan", "A Morte do Padre Eterno".

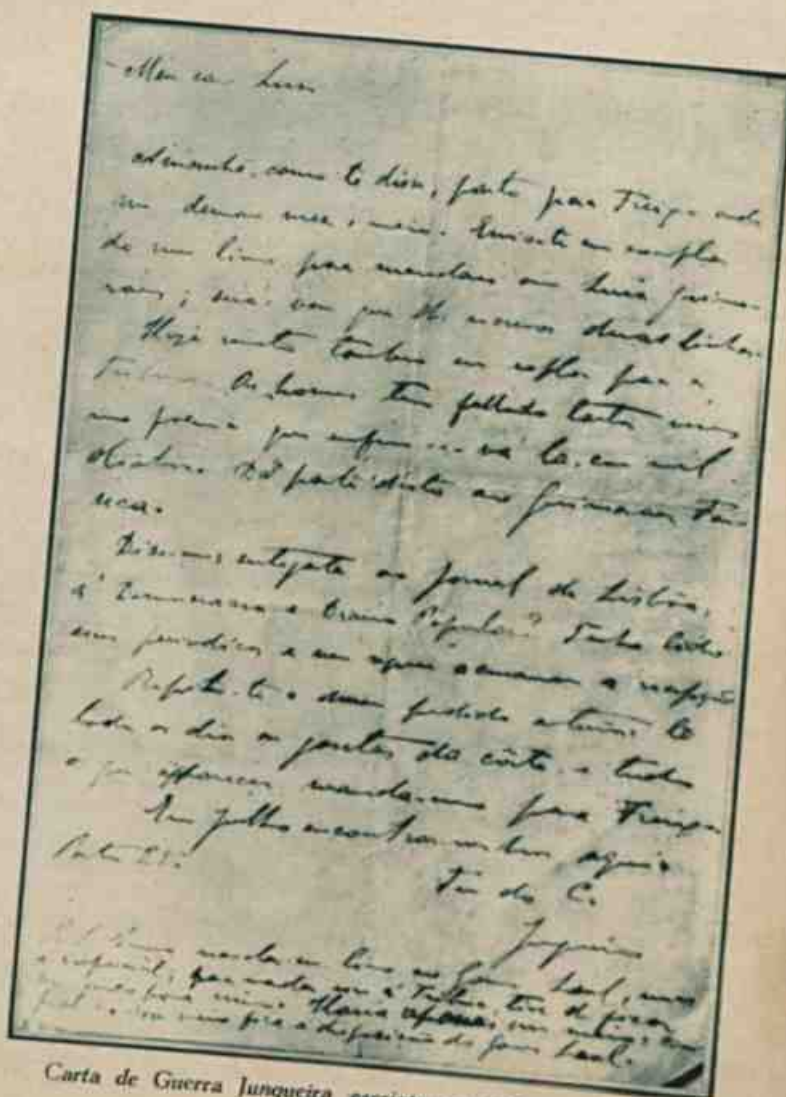
São cartas, infelizmente, sem data, mas que foram escriptas após a estadia de Luiz de Andrade em Portugal — pelo que devem ser de 1877, depois que o nosso publicista regressou ao Brasil.

Em uma das cartas lê-se este periodo: "Para um livro a vender, deve empregar-se o mesmo plano que se emprega para uma batalha: a carga cerrada. Um tiro hoje, outro amanhã, outro daqui a 15 dias, não fazem effeito algum. E' necessario que os jornaes falem todos ao mesmo tempo para activar o burguez. Ao contrario está tudo perdido: commercialmente, já se vê".

E assim ha topicos de grande psychologia e espiritualidade nas cartas do velho burilador de alexandrinos esmerados, que eram espiritualmente recebidos pelo cerebro privilegiado de Luiz de Andrade, que foi bem um expoente de nossas letras, na imprensa e no livro.

Em muitas das missivas citadas ha referencias aos trabalhos de Andrade, como, principalmente, com allusão ao livro "Caricaturas em Prosa", em que o poeta tece elogios ao escriptor patricio, admirando-lhe o talento e o exhortando ás lides intellectuaes.

As letras quasi indecifraveis do mestre, as cartas amarfanhadas — paginas de tempos idos — falam de tristeza, de alegria, de politica, de doenças, de amigos, de vida de imprensa, de humorismo, de tudo, e formam uma reliquia, hoje em mãos de Carlos de Andrade, filho do grande abolicionista, porque são cartas de Junqueiro a Luiz de Andrade.

José Magarinos.

Carta de Guerra Junqueira escripta em 1877.

O circo regorgita...
Parece uma bahiana
Com uma saia balão, toda bonita,
Enfeitada de lampadas de côres
Como um collar vistoso de missangas.
Impacientam-se os espectadores.
Está annunciado
O drama intitulado
"Os amores da princeza indiana"
Ou "os mysterios das mattas do Amazonas".
Não ha caronas...
Tocam duas charangas.
Vae começar a inana!
Um toque de corneta.
A cavalhada estoura
No picadeiro.
Vem á frente
Segismundo, o principe valente,
Com um chapéo de pluma e espada á cinta
A' antiga portugueza.
Depois chega a princeza
Malagueta,
Preta,
Preta retinta,
De cabelleira loura.
Diz Segismundo: — Oh, pallida senhôra!
Sentemo-nos e conversemo-nos...

Solta um ai a princeza em tom ironico...
— Porque, querido amor, esse riso sardonico?
— Tu *fazeis-me* soffrer por vos e vindes
Fazer pouco de mim inda por cima?
Porque *fazes* de mim tão pouco *causo?*
— Offendeu-se com isso, por acauso?
Me censuras por dar-te a minha estima?
—E' a primeira vez que *se encontremos-nos*...
Ouço um tropel! Sim, arguem se approxima...
— Occurtemo-nos!
— Céos, que vejo? Meu pae!
— Oh, minha filha!
— Perdão, Senhor!
— Infame!
— Não castigue
Quem humilde a seus pés assim se humilha!
— Em negocios de honra êu sou um *trigue!*
—Oh! piedade, meu pae! Por Deus, não brigue!
— Vaes morrer! Desembainha a tua espada!
A assistencia com as mãos abafa um grito...
Morre o pae. Cáe ferido o Segismundo,
Mettendo na bainha a arma assassina,
A princeza recua, apavorada...
Vae-se afastando...
Dá uma estrepitosa gargalhada
E sáe pelo fundo, capengando
Porque perdeu o salto da botina.

FOI O CORAÇÃO

HUMBERTO venceu a ladeira e alcançou o alto da collina. A subida fôra aspera áquella hora de sol, e, deante da egreja, ladeando o collegio, parou para respirar melhor, pondo os olhos no ladrilho esverdeado do mar, lá em baixo.

Grande silencio. Rarissimos transeuntes. Apenas uma devota destinando-se ao Amparo e uns trabalhadores vindo de fazer reparos na Sé. O sino do Carmo dobrava...

Humberto tocou a campainha da portaria. De um postigo que se abriu aflorou rosto moço debruado pela coifa branca.

— A irmã Superiora...

— Está na capella... Porém, o sr entre... queira esperar um pouco...

Seguido da filha, o homem atravessou um pateo em arcadas, com palmeiras e crotons, e achou-se numa saleta de mobiliario severo. Porque houvesse uma porta que dava para a nave, approximou-se della. Os altares accesos, nos bancos algumas fieis, e deante do altar-mór as monjas, genuflexas, de cabeças baixas, resavam. Uma seraphina derramava accordes tristes, quebrantados, doces... Quasi rente ao reposteiro de entrada, num recanto obscuro, uma mulher tambem orava, ajoelhada, tão curvada para o chão que parecia beijal-o.

Quando terminou a oração, as freiras, sete ao todo, lembrando as sete notas da escala musical foram sahindo da nave, uma atraz da outra, sumindo-se pela arcada da clausura. E a mulher, que resava perto da entrada, seguiu-as de vista baixa...

Humberto voltou á sala de espera e sentou-se deante da filha, da sua Margarida trazida para o internato. Ella espiava para tudo com essa timida curiosidade das creanças em frente do desconhecido... Ah! muito lhe custava separar-se della, mas era o geito unico... Morava no alto sertão e ali não havia educandario capaz onde a menina, depois do curso primario, podesse fazer o secundario. Tudo por causa do mau passo da Adelina... Depois de cinco annos de casados, a vinda da mulher para o Recife, afim de convalescer de uma febre palustre. Viera para a casa de uma tia complacente e pateta que a creara com mil vontades... Elle não poude acompanhal-a devido aos seus porfazeres no interior onde viviam. E, na capital, Adelina, sempre retardando o regresso ao lar, embora gorda e forte, deixou-se prender por alguem que lhe podia satisfazer mais as exigencias do luxo do que o marido. Cahiu pelo luxo, porque por amor poucas cahem. Elle teve denuncias. A principio relutou em desconfiar, porém, a insistencia da mulher em demorar no Recife, os pretextos que arranjava... Veiu á capital de surpresa. E teve a prova. Separaram-se. Emquanto poude, educou a menina na cidade longinqua; porém, agora via-se obrigado a internal-a... e ir viver sózinho... sózinho... e longe!... A mulher, nunca mais soubera della. Quasi tres annos não a via. Por certo, na sua tendencia para as grandezas, para as luxuosidades, para o mundanismo, andaria satisfazendo, por qualquer preço, a sua immensa vaidade...

A Superiora surdira afinal. Afagou a creança, sentou-se-lhe junto, e, depois de dizer Humberto ao que ia:

— Então, trouxe-nos a sua filhinha?

—Sim, volto amanhã para o interior. E embora as aulas não tenham ainda principiado...

— Não faz mal. Ella vae se habituando com o collegio e quando as companheiras chegarem, na proxima semana... será de casa, já. Não é?

Margarida olhava para a freira e no intimo ia se sentindo attrahida por aquella mulher que lhe falava tão carinhosamente:

— Póde ir descansado, doutor. Havemos de fazel-a uma moça direita.

— Sobretudo modesta, muito modesta. Vaidosa apenas dos seus deveres.

— E agora, minha filha, vá mudar sua roupa e depois venha se despedir do papae.

A irmã Joaquina, a roupeira, veiu buscar a creança e levou-a lá para dentro. A Superiora procurava tranquillizar o pae:

— Ella ha de se dar bem comnosco. Depois temos uma creada que é doida por creanças. Uma pobre mulher que nos appareceu aqui pedindo agasalho e trabalho. Desconfio até que já tivesse tido alguma coisa... Ninguem lhe sabe a vida... Activa, zelosa, fiel, e, principalmente, louca pelas meninas. Quando não está na igreja resando, com uma piedade que causa admiração... E a pobre, além de tudo, é doente... Tem falta de ar, dores no peito, cansa muito... O medico do collegio nos disse, em particular, que ella está com o coração como um vidro... Qualquer cousa...

Humberto desinteressado do assumpto, olhava absorto para um dos angulos da saleta. E, de subito, a phrase da Superiora foi cortada. Irmã-Joaquina chegara á porta, gritando:

— Madre Superiora! A creada teve um ataque!

Correram a acudir. Humberto seguiu-as. No vestiario das alumnas mal alumiado por uma pequena janella, elle viu um vulto de mulher estendido no chão. A menina, assustada, agarrara-se á mão do pae. E a irmã Joaquina explicava:

— Ella estava despindo a menina, fazendo-lhe festas, e, de repente, ao tirar-lhe esta medalhazinha cahiu para traz...

E a religiosa entregavá á Superiora um fio de ouro de onde pendia, em esmalte, o retrato de Margarida aos seis mezes de idade.

Humberto, apprehensivo, baixara-se, e, como medico, poz o ouvido no seio da creada.

Nenhum rumor.

A Superiora opinou:

— Parece que está morta... Com certeza foi o coração...

Fitando o rosto desfigurado da defunta, Humberto reconhecera Adelina. Quiz falar... Mas, teve pena da filha. Melhor acerto seria o silencio. Reerguendo-se, simulando calma, confirmou:

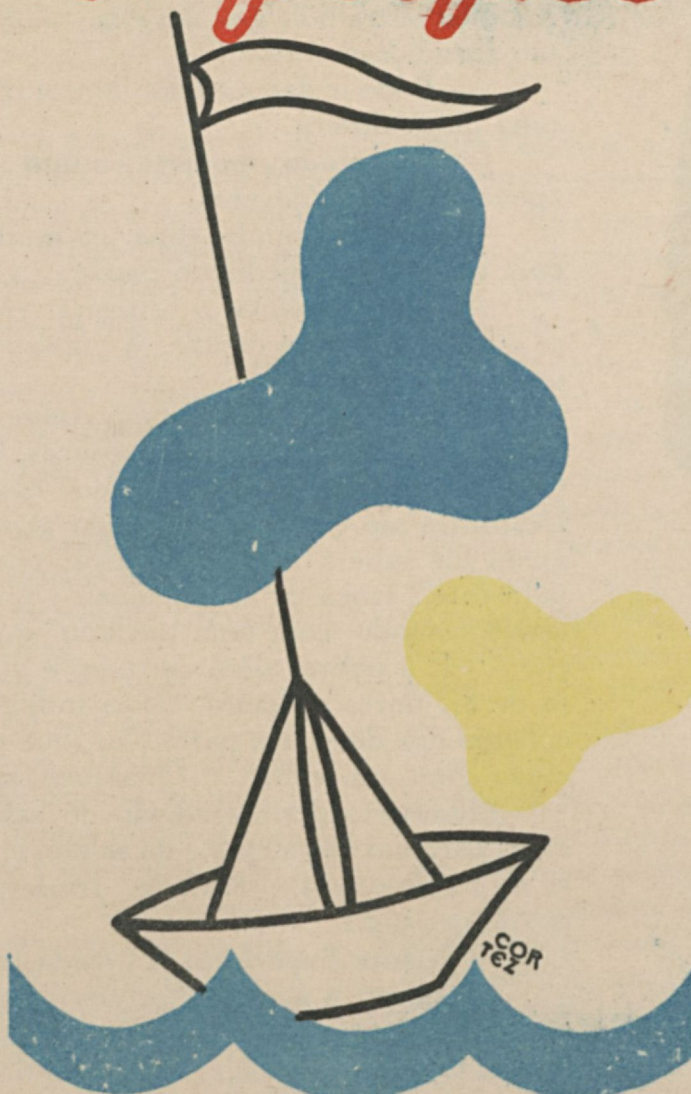
— Sim. Foi o coração...

CONTO DE MARIO SETTE

Quando os meus olhos se abriram para a vida, já eu encontrei o rio ali, nos fundos do casarão antigo e muito branco onde passei a minha infancia e de onde sahi um dia, ha muitos annos, para não mais voltar. Nasci ali, á beira da torrente e ali, debruçado sobre a agua que corria, recebi os primeiros ensinamentos do mundo, na quadra distante em que tudo é sonho, quando o meu espirito de provinciano tinha o seu universo limitado pelo casario baixo e alvo que se alinhava na unica rua do villarejo no sopé das collinas onde se abriam as trilhas das plantações de café.

Nunca o meu espirito procurou saber se o mundo ia além daquelle horizonte acanhado, porque aquelle pouco bastava á alegria da minha vida simples. Si eu sahisse de casa, como tantas vezes sahi ás escondidas, e me fosse sentar á sombra da gamelleira que manchava de verde escuro a relva clara da collina baixa, tinha deante dos meus olhos um scenario immenso e deslumbrante: o gado, que andava preguiçoso pelo pasto abundante, os carros de bois que passavam, gemendo, atulhados de café, o casario que se alinhava lá em baixo, com os seus portaes azues; e, mais longe um pouco, no ultimo limite da villa, a estação do torreão alto onde parava, pela manhã e ao entardecer, o trem de ferro, barulhento e fumegante. O rio, como uma larga fita branca, cortava por uma ponte estreita de madeira, separava as casas da estrada de ferro.

Aquillo tudo, perdido em uma deliciosa mistura de côres, era muito mais do que podiam desejar os meus oito annos felizes e alegres...

O rio, por si só, enchia de sensações novas todas as horas do meu pequeno dia, aquellas horas boas que eu passava longe dos bancos toscos da escola. A despensa da casa, apoiada sobre pilares de pedras lembrando uma habitação lacustre estava sobre a agua e eu, sentado ao peitoril da unica janella que a illuminava, passei momentos longos contemplando a correnteza e tudo o que a rodeava. Via os fundos das outras casas tambem apoiados sobre pilastras e avançados sobre a agua; via as mulheres que lavavam roupa, debruçadas sobre as margens; invejava os canoeiros que, passavam vogando; batia palmas quando um tronco deslisava, arrancado pelas torrentes a alguma distante da floresta. E era para mim um prazer sem igual atirar grãos de milho ao rio para que os patos, muito brancos, os fossem disputar, grasnando.

O rio, naquelles dias longinquos, foi meu amigo...

Mesmo á noite, quando o villarejo estava mergulhado em sombras, quando o silencio era apenas perturbado pelo coaxar metallico dos sapos-ferreiros e pelo trillar dos grillos nas bréchas dos pilares humidos, era o rio quem me acalentava, com a sua canção monotona mas terna, com o resvalar das suas aguas sobre as pedras do leito que, naquella altura, quasi não tinha profundidade.

. . . .

Um dia, deram-me um barquinho de papel, o primeiro que meus olhos viram. Tinham-lhe posto um mastro, feito de um pedaço de flexa, e eu o achava lindo, muito mais lindo do que as canôas toscas que estava habituado a invejar. Muito mais lindo, sim, porque elle era muito branco e era meu...

Alegre, desci a ribanceira da margem até que meus pés ficassem mergulhados na agua que, ali, era repousada, calma, sem correnteza, graças a uma pequena bacia que a margem formava. Dois passos mais adeante a torrente cantava, impeptuosa, caminho do infinito que os meus olhos não alcançavam e não procuravam penetrar.

E ali, no remanso da margem, deixei o barquinho de papel fluctuar. Eu mesmo o impellia para a frente, até que elle parasse, encostado ao capim rasteiro da margem; e ia buscal-o, para fazel-o fluctuar novamente.

Era ao pôr do sol, na hora do grande recolhimento universal. Um raio de sol, obliquo, doirava as aguas e doirava tambem o meu barquinho branco, cujo mastro pequenino se agitava quando eu impellia mansamente.

Subito, a fatalidade sombreou minha alegria. Nem mesmo sei como foi: uma distracção, talvez um impulso mais forte; o barquinho tranpoz os limites da pequena bacia, revoluteou um instante agitado pela torrente que o envolveu e lá se foi, antes que eu pudesse alcançal-o, corcoveando sobre as aguas impetuosas. Fiquei a olhal-o durante muito tempo, vendo que as aguas o arrastavam, até que a sua pequenina silhueta branca desappareceu em uma curva sombreada do rio, onde não chegavam os raios obliquos do sol que se ia...

Só depois disso foi que um soluço incontido me subiu á garganta; voltei para casa chorando o meu barquinho de papel. E á noite, quando tudo era silencio, eu, no meu leito, ouvindo rio cantarolar sobre as pedras, lembrava-me que elle ia levando para um desconhecido que o meu espirito não penetrava, o meu primeiro barquinho de papel...

Hoje, tantos annos passados, eu sei que a vida é bem igual ao rio que encantou os dias da minha infancia distante. Ella vae arrastando, para o infinito dos tempos, para a grande noite que os meus olhos não penetram, todos os barquinhos de papel das minhas illusões. A unica differença é que eu não choro mais os barquinhos que se vão: desde a infancia que as illusões fogem ás minhas mãos e o espirito já se habituou com o fatalismo do irremediavel..

O ANACORÊTA

(SEGUNDO A LENDA DE SANTO ONOFRE)

Envelhecido, trôpego, cansado,
Por invias matas, a expressão bravïa,
Espalhava, brandindo o seu cajado,
Blasfêmia, odio, revólta e rebeldia.

Mas, quando o punho arremessava, um dia,
Contra o céo, num protesto alucinado,
Um pássaro pousou-lhe na mão fria
E o ninho fez na mão do desgraçado.

E ele quedou tranquilo, o braço erguido,
Como uma árvore humana, embevecido,
Para que a ave criasse os filhos seus.

Hoje que a terra é em flor para seus passos,
O anacorêta só levanta os braços
Ao céo, para pedir perdão a Deus!

OLEGARIO MARIANNO

Ilustração de J. Carlos

Em 7 Dias...

Professor Aarão Reis

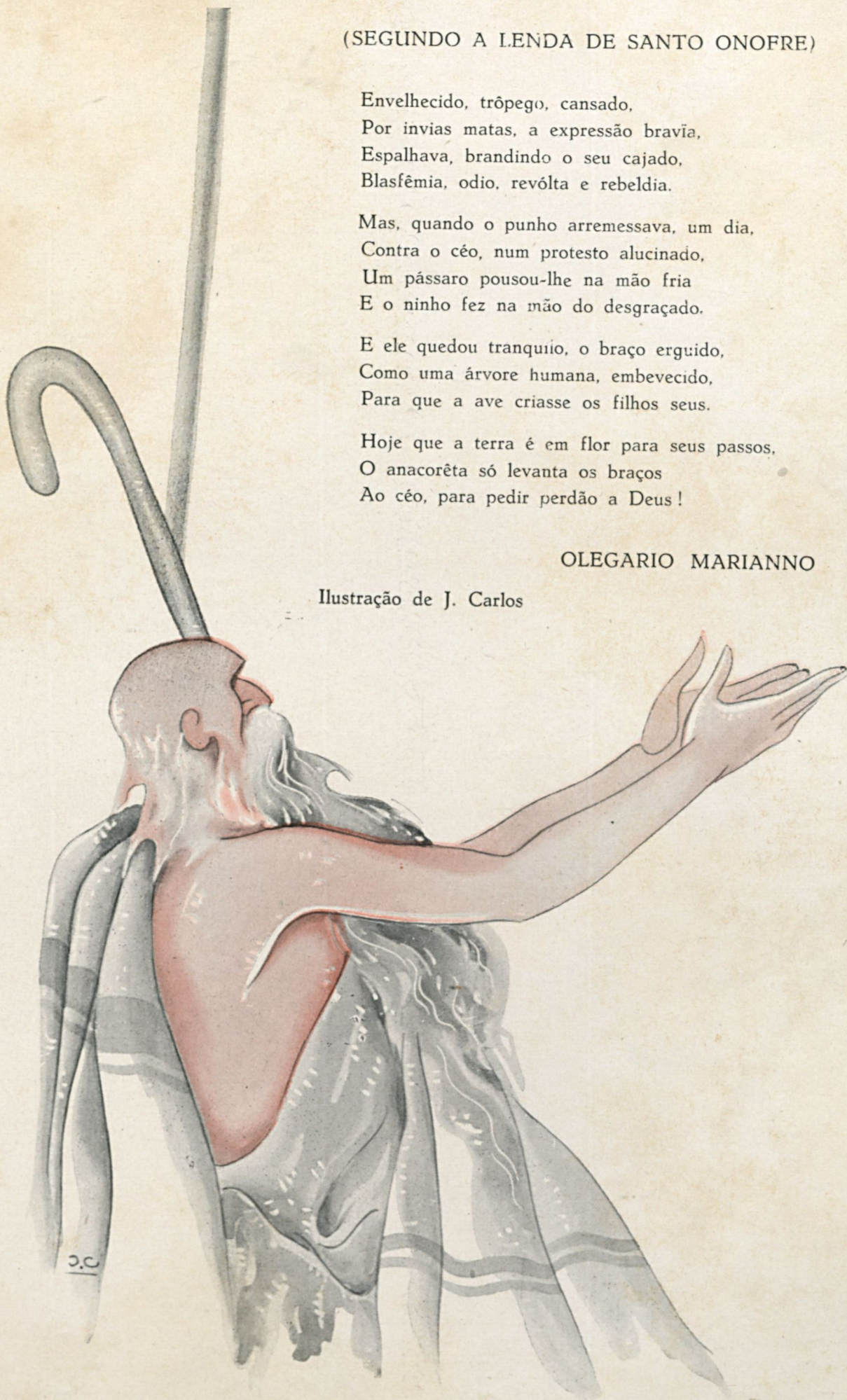
Snr. Paul Harris

De Valera

Snr. Ataulpho Paiva

Casa onde nasceu Paulo Eiró, em Sto. Amaro.

Escola de Bellas Artes

Ministro Macedo Soares

● Foi acceita pelo governo da Hespanha a renuncia do Sr. Vicente Salles Musoles ao cargo de Embaixador no Rio de Janeiro.

● Em Buenopolis, Minas, o pescador Evaristo Fernandes estando a pescar a dynamite, por distracção atirou o tição ao rio e conservou a bomba entre os dedos, vindo esta a explodir, ferindo-o gravemente.

● Falleceu o professor Aarão Reis, grande mathematico patricio, ex-director da Central do Brasil, do Banco do Brasil, do Lloyd Brasileiro, e autor do projecto e construcção da cidade de Bello Horizonte, ao qual se deve o primeiro projecto de electrificação daquella via ferrea.

● Chegou ao Rio o Sr. Paul Harris, que foi o fundador do primeiro "Rotary Club" do mundo. O illustre visitante foi muito homenageado e fez algumas conferencias durante sua permanencia entre nós.

● Falleceu o poeta Francisco Villaespesa, um dos mais notaveis nomes das letras hespanholas contemporaneas. Era elle grande amigo do Brasil e de seus intellectuaes, cujas producções muito concorreu para serem conhecidas no Velho Mundo, traduzindo-as para seu idioma

● O chefe do governo irlandez, Sr. De Valera, foi operado de uma cataracta da cornea com exito.

● A Turquia pediu amigavelmente á S. D. N. a revisão das clausulas do Tratado de Lausanne, assignado em Julho de 1923, pelas quaes lhe é vedada a militarisação dos estreitos do seu territorio.

● O Instituto dos Commerciarios pagou, pelo seu Departamento regional desta Capital 18 pensões a herdeiros de associados que falleceram quites com seus cofres.

● A Sociedade dos Amigos dos Animaes, da Allemanha, organizou um recenseamento dos cavallos que serviram na grande guerra, arrolando 3.186, dentre os quaes 2.179 em poder de ex-combatentes. Esses cavallos levarão, de agora por deante, nos arreios, esta inscripção: "Camaradas da guerra".

● A mãe de Elena Rivero, joven que ha pouco se casou com o aviador Ignacio Pombo, acaba de pedir judicialmente a annullação daquelle casamento, allegando que o mesmo se realisou sem sua autorização.

● Uma joven ingleza, querendo lavrar um protesto solemne contra as tendencias armamentistas dos paizes da Europa, o seu inclusive, repetiu o gesto lendario de Phrynéa, desnudando-se inteiramente em plena cathedral de S. Paulo, em Londres, com o que causou grande escandalo.

● O Ministro Ataulpho Paiva, da Côrte Suprema, e membro da Academia de Letras, foi elevado pelo governo Francez, ao grão de grande official da Ordem Nacional da Legião de Honra, sendo esta a 3ª vez que aquelle paiz homenageia este illustre brasileiro.

● Realizaram-se com grande imponencia, nesta Capital, varias commemorações do Dia Pan-Americano, instituido symbolicamente pelas republicas do continente para maior approximação entre si.

● Verificou-se mais um roubo de valiosa tela da pinacotheca da Escola de Bellas Artes.

● Foi inaugurado, com a presença do Sr. Ministro do Exterior e do Embaixador do Japão, o serviço de radio telephonia entre o Brasil e aquelle paiz. O Sr. Macedo Soares falou daqui com o Ministro Leão Velloso, em Tokio.

● O "team" do Botafogo F. C., ora em excursão pela America do Norte, venceu pelo score de 1 x 0 o "Shamrock", campeão de foot-ball dos Estados Unidos.

● O Parlamento Uruguayo approvou a "Lei de defesa contra a Lepra", que prohibe a entrada de leprosos no paiz e o casamento de morpheticos com pessôas sãs.

● Commemorou-se com grandes solemnidades o centenario do nascimento do grande poeta paulista Paulo Eiró. Na Academia Brasileira de Letras, falou o academico Claudio de Souza e na Academia Paulista de Letras, os Srs. academicos Guilherme de Almeida e Valdomiro Silveira.

● O Sr. Abbat, director da Cia. Finlandeza do Brasil e consul da Finlandia, fez entrega ao presidente da A. B. I. de um cheque de vinte contos de réis, para ser entregue como premio, que se denominará "Premio Herbert Moses", ao jornalista autor da melhor reportagem a apparecer no decurso de 1 anno, a contar de 13 de Maio vindouro.

● Realizou-se em Bagé um casamento sensacional. Os noivos subiram em avião acompanhados do juiz e dos padrinhos e o acto teve logar entre as nuvens, longe da curiosidade publica. O noivo é o Tenente Rube Canabarro Lucas, da nossa aviação militar.

● Foi eleito para a vaga de Felix Pacheco na Academia Brasileira de Letras, em movimentado pleito, o brilhante escriptor e historiographo Sr. Pedro Calmon.

O novo immortal é o autor da "Historia da Civilização Brasileira" e de "O espirito da sociedade colonial".

UM NAUFRAGIO SEM CONSEQUENCIAS

Os poetas do Brasil, naufragos duma viagem de turismo, dão ensejo a que "O MALHO" promova um sensacional Concurso entre os seus leitores

ANIMADOS com a propaganda de turismo que se vem desenvolvendo, alguns dos nossos maiores poetas resolveram convidar todos os "collegas" vivos do paiz, a tomar parte numa caravana que, a bordo de um transatlantico, fosse ao Rio da Prata e para isso se reuniram nesta Capital, de onde deveriam partir.

Fretado o navio, organisado o itinerario, prepararam-se os vates para a excursão maritima, á qual só não compareceram os que, por quaesquer motivos de distração, não tiveram conhecimento dessa espiritualissima viagem.

E o embarque se verificou no cáes da Praça Mauá, com banda de musica, num dia sombrio, de céo carregado, ameaçando tempestades.

As cousas correram sem novidade nos primeiros momentos. O navio, em marcha vagarosa, tomou a direcção da barra. Logo de sahida, porém, como jogasse muito, quasi todos os passageiros enjoaram, começando a se recolher aos camarotes. E foi a essa altura, quando alguns já começavam mesmo a sentir certo arrependimento de se terem mettido em tal empreza, que um formidavel estrondo se fez ouvir!

Sustos, gritos, correrias... Que seria?!

O commandante determinava providencias, para evitar desordem. Foi dado o signal de alarme e, immediatamente, cortaram os ares os pedidos de soccorro, dados pela estação de radio de bordo. E' que o navio batera numa pedra, perto da Ilha Rasa, e, com um rombo enorme na prôa, ameaçava submergir...

Foi um momento de horror indiscriptivel. Os passageiros se atiravam á agua, e procuravam salvar-se, uns nadando, outros agarrando-se a salva-vidas...

Está claro que nada disso aconteceu, mas poderia acontecer... E como poderia acontecer, tambem poderia um leitor de "O Malho" estar, nessa hora de panico, mettido num bote de pesca, perto da Ilha Rasa, presenciando a tragedia, sentindo impetos de correr em auxilio dos naufragos, para lhes levar salvamento...

Para effeito do nosso concurso, vamos considerar que houve mesmo o naufragio, e que o leitor se approximou do local do sinistro para salvar alguns dos afogados.

Antes, porém, de metter mãos á obra, elle reflectiu:

— No meu bote só cabem quatro pessôas. Só poderei, portanto, tentar salvar tres poetas. Vejo a se agitar, e a pedir soccorro, homens illustres, que não devem desapparecer assim, devorados pelos peixes... Deverei agir ao acaso ou por sympathia? Será melhor agir por sympathia...

Assim, o leitor de "OMalho" vai salvar apenas tres poetas. E é essa a pergunta que vamos fazer:

— SI ESTIVESSE NO BOTE, QUAES OS TRES VATES QUE ESCOLHERIA, PARA SALVAR DO NAUFRAGIO?

AS BASES DO CONCURSO DO NAUFRAGIO

São as seguintes as bases estabelecidas para este certamen:

Dentro da relação que divulgamos, na pagina seguinte, dos mais conhecidos poetas do Brasil, cada leitor de O MALHO escolherá tres que lhe pareçam merecedores de ser salvos do naufragio.

Os votos não serão assignados, podendo cada leitor votar quàntas vezes desejar, não havendo necessidade nem sendo admittido justificação de votos.

Só serão apurados os votos remettidos em enveloppe fechado, com o endereço: "CONCURSO DO NAUFRAGIO", Redacção de O MALHO — Travessa do Ouvidor, 34 — Rio de Janeiro.

Os tres poetas que obtiverem maior numero de votos serão considerados "salvos" do terrivel naufragio, e serão premiados pelo O MALHO. Os premios constarão de tres creditos de réis 500$000, abertos na Livraria Freitas Bastos, um a cada premiado, para a acquisição de livros á sua escolha.

O Concurso do Naufragio terá a duração de 100 dias, findos os quaes se effectuará a apuração geral, mas semanalmente O MALHO divulgará a situação dos "naufragos", isto é, a votação obtida até a semana anterior.

Até o dia 10 de Agosto, portanto, serão recebidos os votos dos leitores, não sendo em absoluto apurados os que chegarem ás nossas mãos após essa data.

A Commissão apuradora, que proclamará os poetas "salvos", será composta de pessôas alheias á redacção de O MALHO, opportunamente escolhidas, sob a presidencia do Sr. Herbert Moses, presidente da Associação B. de Imprensa, em cuja séde terá logar, publicamente, a ceremonia da entrega dos premios, em data que annunciaremos.

Cedula que deverá ser preenchida pelo eleitor e remettida em enveloppe fechado para a nossa redacção.

Relação, pela ordem alphabetica, dos poetas que tomaram parte na excursão ao Rio da Prata:

Alberto de Oliveira.
Adelmar Tavares.
Affonso Celso.
Altamirando Requião.
Aloysio de Castro.
Affonso Lopes de Almeida.
Abgard Renauld.
Alberto Ramos.
Affonso Arinos Sobrinho.
A. J. Pereira da Silva.
Agrippino Griecco.
Alvaro Bomilcar.
Affonso de Carvalho.
Arthur de Salles.
Arnaldo Damaceno Vieira.
Ary Pavão.
Antonio Salles.
Assenço Ferreira.
Attilio Milano.
Augusto Amado.
Araujo Filho.
Alfredo Cumplido de Sant'Anna.
Affonso Schmidt.
Alberto Nunes.
Augusto de Lima Junior.
Austro Costa.
Augusto Meyer.
Augusto Frederico Schmidt.
Bastos Tigre.
Belmiro Braga.
Bastos Portella.
Bazilio de Magalhães.
Brant Horta.
Benedicto Lopes.
Catullo Cearense
Carvalho Filho.
Castello Branco de Almeida.
Cassiano Ricardo.
Carlos Maul.
Carlos Drumond de Andrade.
Carlos Chiacchio.
Carlos Dias Fernandes.
Carlos Magalhães de Azevedo.
Celso Pinheiro.
Cesar Borba.
Cleomenes Campos.
Clovis Monteiro.
Coelho da Costa.
Correa Junior.
Costa Rego Junior.
Cyro Costa.
Carlindo Lellis.
Caio de Mello Franco.
Da Costa e Silva.
Dante Milano.
Darcy Teixeira Monteiro.
Dario Velloso.
Dunshe de Abranches.
Durval de Moraes.
Ernani Fornari.
Eduardo Tourinho.
Emilio Kemp.
Esdras Farias.
Eustorgio Wanderley.
Eugenio Gomes.
Euclides Bandeira.
Filgueiras Lima.
Filinto de Almeida.
Francisco Campos.
Francisco Leite.
Francisco de Mattos.
Goulart de Andrade.

Alberto de Oliveira, o principe dos poetas brasileiros que tomou parte na Caravana poetica.

Gilberto Amado.
Gervasio Fioravanti.
Guilherme de Almeida.
Heitor Lima.
Heitor Stockler.
Horacio Cartier.
Harold Daltro.
Helio Costa.
Homero Prates.
Henrique de Casaes.
Honorio Armond.
Honorio de Carvalho.
Ildefonso Falcão.
Julio Salusse.
Julio Cesar da Silva.
Jayme D'Altavilla.
J. G. de Araujo Jorge.
João Alfonsus.
Jonathas Serrano.
Jorge de Lima.
José Oiticica.
Jayme Tavora.
Leal de Souza.
Leão de Vasconcellos.
Leopoldo Braga.
Leoncio Corrêa.
Lobivar Mattos.
Luiz Guimarães Junior.
Luiz Peixoto.
Luiz Edmundo.
Luiz Martins.
Lindolpho Gomes.
Lacerda Pinto.
Martins Fontes.
Mario Peixoto.
Mansueto Bernardi.
Mario de Andrade.
Mario Linhares.
Martins Napoleão.
Menotti del Picchia.
Murillo Araujo.
Murillo Mendes.
Modesto de Abreu.
Noraldino de Lima.
Nilo Bruzzi.
Nosor Sanches.
Nobrega de Siqueira.
Olegario Marianno.
Oliveira e Silva.
Onestaldo de Pennaforte.
Orestes Barbosa.
Osorio Dutra.
Oswaldo Orico.
Oswaldo Santiago.
Odilon Negrão.
Oswald de Andrade.
Orlando Pennafort.
Oliveira Ribeiro Netto.
Padua de Almeida.
Padre Antonio Thomaz.
Passos Cabral.
Paulo Gama.
Prado Kelly.
Pedro Vergara.
Paulo Gustavo.
Pereira Reis Junior.
Prado Maia.
Raul Machado.
Raul Bopp.
Renato Travassos.
Ribeiro Couto.
Rocha Ferreira.
Reis Carvalho.
Saboia Ribeiro.
Solfieri de Albuquerque.
Sylvio Julio.
Silveira Netto.
Sabino de Campos.
D. Sylverio Pimenta.
Telles de Meirelles.
Tasso da Silveira.
Theoderic de Almeida.
Theodomiro Tostes.
Urquiza Valença.
Valença Leal.
Vargas Netto.
Vinicius de Moraes.
Vinicius Meyer.
Virgilio Brigido Filho.
Zeferino Brasil.

Na edição d'O MALHO do dia 7 de Maio proximo, apparecerá o resultado da primeira apuração dos votos recebidos até o dia 30 do corrente, ás 12 horas.

Maria de Sá Earp

E' sempre com grande prazer que registramos os successos conquistados no estrangeiro pelos nossos artistas em excursão. Traduzimos, por isso, com satisfação, as duas noticias abaixo, que põem, mais uma vez, em evidencia, o nome e a arte da cantora brasileira Maria de Sá Earp: "O pianista Paul Loyonnet e a cantaro Maria de Sá Earp realizaram hontem o seu concerto no Santa Cecilia. Executando musica de Bach (Concerto, na transcripção de Vivaldi), Beethoven (Sonata em dó maior), Scarlatti (duas Sonatas), Couperin, Haendel, Schmidt, Debussy, Liszt, Malipiero e Mazzepa, o pianista Loyonnet reaffirmou as suas preclaras qualidades, especialmente technicas, que lhe proporcionaram recentemente os applausos do publico do Augusteo. Foi applaudido e teve de conceder dois *bis*. A cantora Maria de Sá Earp exhibiu notaveis meios vocaes e um fino sentimento interpretativo, através de arias e lyricas de Scarlatti (Sento nel cor), Mozart, Debussy, Bachelet, Dell'Acqua, Villa-Lobos e Vianna. Tambem ella foi cordialmente applaudida e obrigada a cantar duas peças fóra do programma".

Essa noticia foi extrahida do jornal "Il Popolo di Roma", de 21 de Março ultimo. Dois dias depois, "Il Mattino", de Napoles, assim registrava a estréa da cantora brasileira no Theatro S. Carlos: "Bello publico hontem á noite, na "reprise" de "Elixir de Amor", com uma nova interprete, Maria Sá Earp, que registrou um bellissimo successo. Essa joven cantora brasileira exhibe uma voz fresca, de bellissimo timbre, facil e extensa, que modula com graça e arte. Interprete intelligente a Sá Earp soube jogar a parte de Adina com fina argucia e exquisita comprehensão, integrando-a, assim, tambem scenicamente, de uma fórma que não poderia ser mais harmoniosa.

Foi continuamente applaudida e particularmente admirada na aria final. No fim de cada acto, chamada á ribalta juntamente com o optimo tenor Perulli, sempre applaudido".

O "CYSNE BRANCO"

O navio-escola finlandez "Suomen joutsen", que esteve recentemente em nosso porto, conduzindo garbosa turma de guardas-marinha e trazendo uma bella exposição de productos do seu paiz. Deixando a Guanabara, o "Cysne Branco", devido ao mau tempo reinante, esteve em situação difficil fóra da barra, correndo sério perigo. Enviados soccorros com a urgencia que foi possivel, a bella nave foi posta a salvo graças aos esforços conjunctos desenvolvidos nesse sentido, seguindo seu destino.

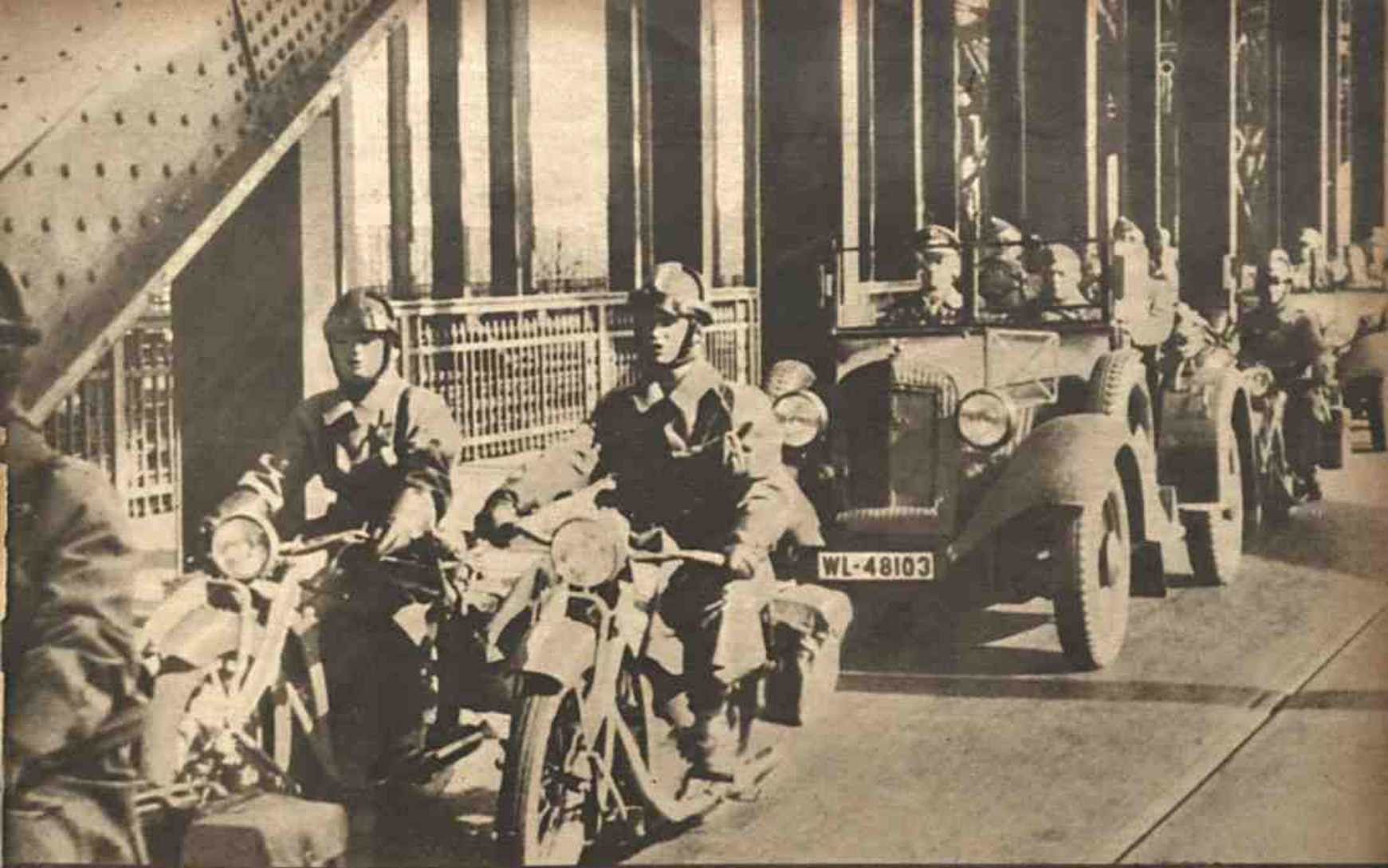
O "DIA DOS HEROES" ALLEMÃES — O Führer (á direita) falando aos chefes do Exercito e da Marinha, no "Dia dos Heroes" (8 de Março). A contar da esquerda: Werner von Blomberg, ministro da Guerra; H. Goering, ministro da Aviação; von Mackensen, marechal de campo; Adolf Hitler, e atraz do Führer o almirante Raeder, chefe da esquadra.

GREVE DE ESTUDANTES — Os alumnos da Universidade de Athenas declararam-se em greve. A policia subjugou o movimento, perseguindo os amotinados.

O MUNDO EM REVISTA

O COW-BOY COROADO — O novo rei da Inglaterra, Eduardo VIII, cavalgando o seu cavallo de estimação, "Astride". A esse tempo, Eduardo VIII achava-se em excursão no Canadá, onde foi tirada esta photographia.

UMA MULHER INTREPIDA — A Sra. Finat, esposa daquelle aviador que morreu durante o raid Paris-Madagascar, ida e volta, tomou a peito a realização da perigosa travessia, e conseguiu-o. Eil-a aqui abraçando os filhos, no aerodromo de Le Bourget (Paris) no termino do raid.

A VICTORIA DOS VENIZELISTAS — Em commemoração de sua estrondosa victoria nas ultimas eleições, em Athenas, os Venizelistas realizaram uma passeata pela cidade, levando em triumpho o retrato de seu chefe, Eleutherios Venizelos, ha pouco fallecido. Os Venizelistas contam, agora, com 142 representantes na Camara.

Entrada das tropas motorisadas allemãs em Colonia. (7 de Março). A ponte que atravessam é a de Hohenzollern.

A OCCUPAÇÃO DA RHENANIA PELAS TROPAS ALLEMÃS

As tropas allemãs, calculadas em mais de 20.000 homens, foram festivamente recebidas na zona desmilitarisada. As creanças collocaram flores á lapella dos soldados.

A TOMADA DE LUNGTUNGPEN

CONTO DE RUDYARD KIPLING

ILLUSTRAÇÃO DE FRAGUSTO

EU amigo o soldado Mulvaney contou-me isso sentado no parapeito do caminho que leva a Dagshai, um dia em que juntos caçavamos borboletas.

Tinha suas proprias theorias sobre o exercito, e fabricava com perfeição cachimbos de terra.

Dizia que do joven soldado, é que se deve esperar mais, "attendendo que é de uma innocencia incrivel, como a da creança".

— Agora, escute-me, disse Mulvaney estendendo-se com todo seu comprimento sobre o muro, ao sol. Sou um filho da caserna como se ahi tivesse nascido. O exercito para mim é a comida de cada dia, porque sou do pequeno numero daquelles, que não podem mais abandonal-o. Tenho 14 annos de serviço, e o cachimbo tornou-se uma parte de mim mesmo.

Se tivesse podido, sómente durante um mez, me guardar de beber muito, seria hoje tenente honorario, um flagello para meus superiores, um cabeça de turco para meus eguaes, e uma maldição para mim mesmo. Mas as coisas, sendo como são, só o simples soldado Mulvaney que não tem premio de boa conducta, é que está sempre prompto para beber.

No emtanto, exceptuando meu pequeno amigo, Bobs Bahadur, entendo de exercito como ninguem.

Eu disse alguma coisa...

— Wolseley que vá ao diabo! Entre nós e essa rede de borboletas, é um pobre caduco que não sabe o que diz; tem sempre um olho virado para a rainha e a côrte, emquanto que o outro é fixado sobre sua sagrada pessoa.

Mas Bobs é um homemzinho cheio de bom senso. Com Bobs e alguns soldados de tres annos, bateria qualquer exercito da terra,' e o derrotaria vergonhosamente.

Palavra de Mulvaney, como falo a verdade!

São os novos, os novos de hontem, que não sabem nem o que é uma bala, e não se inquietariam por isso se soubessem, são estes que fazem o bello trabalho.

E' exactamente como estou lhe contando.

Nunca ouviu falar como o simples soldado Mulvaney se apossou da cidade de Lungtungpen?

Não o creio.

Ao tenente reverteram todas as honras, mas fui eu que delindei todo o plano da operação.

Pouco antes de minha sahida da Birmania, cansavamos o temperamento, eu e vinte jovens soldados, sob a ordem de um certo tenente Brazenose, a capturar os dacoitas.

Nunca conheci tamanhos diabos como estes. Para fazer um dacoita, é necessario um dah, e um snider.

Sem isto, é um cultivador pacifico sendo um crime desfechar um tiro contra elle.

Andamos, andamos; de tempos a tempos encontravamos a febre, elephantes, mas nunca dacoitas. Finalmente prendeu um homem.

— Tratem-no com doçura, disse o tenente.

Levei-o então para a floresta com o interprete birman, e a baioneta de meu fuzil. Disse para o homem:

— Meu rapaz, sente-se sobre os calcanhares, e indique aqui a meu amigo, onde é a guarida de seus amigos.

Começou então a balbuciar em seu dialeto, que era traduzido pelo interprete, e minha baioneta entrava em funcção, toda vez que lhe faltava a memoria.

Soube deste modo que do outro lado do rio havia uma cidade, que no momento formigava de dahs, arcos, flexas, dacoitas, elephantes e fuzis.

— Bem, disse a mim mesmo, a tarde direi ao tenente o que ouvi.

Até esta tarde, não tinha feito muito caso do tenente Brazenose. Elle era cheio de livros, theorias e uma porção de coisas que não servem para nada.

— Uma cidade? que farei? Segundo as theorias de guerra devemos esperar reforços. Entretanto é um caso especial. Farei uma excepção. Iremos dar um passeio á Lungtungpen, esta noite.

Os camaradas ficaram literalmente loucos de alegria quando lhes levei a noticia.

Pela meia noite, chegamos á margem do rio. Tinha-me esquecido completamente de falar deste rio a meu official.

Estava na frente com 4 camaradas, e pensei que o tenente teria a necessidade de fazer theorias.

— Dispam-se, disse. Dispam-se até a cintura, e vamos a nado para onde a gloria nos chama.

— Mas eu não sei nadar, disseram dois delles.

— Segurem-se então a um pedaço de madeira, que eu e Connoly os transportaremos para o outro lado.

Tomamos um velho tronco de arvore, e lançamos á agua depois de termos posto em cima nosso equipamento.

A noite estava escura como breu. Assim que começamos a nadar, ouvi atraz de mim a voz do tenente.

— Ha um pequeno riacho aqui, meu tenente, disse eu. Mas já sinto o fundo.

Não era espanto isso, porque estava apenas a um metro da margem.

— Um riacho! mas é um verdadeiro estuario, disse o tenente. Avante! Dispam-se, meus amigos.

Ouvi que ria. Os camaradas tiraram as roupas, levaram para agua um pedaço de madeira, para pôrem seus equipamentos, emquanto Connoly e eu, nadavamos, empurrando esse fardo; os outros vinham atraz.

O rio tinha varias milhas de largura!

Ortheris, sobre o pedaço de madeira, que formava a retaguarda, dizia que tinhamos entrado no Tamisa por engano.

— Silencio, disse o tenente.

Continuamos a nadar, empurrando os troncos, e cheios de confiança nos santos, e na boa sorte do exercito britannico.

Pouco tempo depois tomamos pé. Era um pequeno banco de areia sobre o qual havia um homem, que foi immediatamente morto, para não dar o alarme.

— Agora, eis-nos chegados, disse o tenente. Mas onde é Lungtungpen?

Foi preciso esperar alguns minutos. Os camaradas tomaram as carabinas, e alguns trataram de pôr o cinturão. Naturalmente, avançavamos com a baioneta preparada. Vimos então onde era Lungtunpen, porque nos encontramos de repente defronte da muralha, e toda a cidade estava eriçada de sniders, como o pello de um gato durante o frio.

Atiravam de todos os lados, mas as balas não nos attingiam, indo cahir na agua.

— Todos vocês estão com as carabinas? perguntou Brazenose.

— Estamos, disseram todos.

— Avante! disse Brazenose, tirando bruscamente o sabre. Avante, tomemos a cidade! E que o Senhor tenha piedade de nossas almas.

Então os camaradas, urrando como demonios, lançaram-se na escuridão, á procura da cidade.

Eu batia com a coronha de meu fuzil, qualquer parte do bambú que parecia menos resistente. Os outros chegaram e se puzeram a bater no mesmo logar, emquanto que os fuzis falavam e gritos ferozes, partindo do interior, nos chegavam aos ouvidos. Finalmente o bambú cedeu, e cahimos 26, um por cima do outro, nús como recemnascidos, na cidade de Lungtungpen. Houve durante um momento uma confusão furiosa, mas talvez vendo-nos inteiramente brancos e molhados, os indigenas, nos tomaram por uma nova especie de diabos, ou uma nova especie de dacoitas. Puzeram-se a correr como se fossemos os dois ao mesmo tempo, e cahimos sobre elles, baioneta em punho e rindo como loucos. Havia tochas nas ruas, e pude ver, o pequeno Brazenose que atacava, o sabre na mão, como Diarmid na conquista do Collar de Ouro, não tendo nada sobre a pelle.

Descobrimos elephantes, sob os quaes estavam os dacoitas de maneira que só pela manhã, tornamo-nos donos de Lungtungpen. Então, puzemo-nos em forma, emquanto as mulheres nos olhavam, e o tenente Brazenose se ruborizava, como uma rosa aos primeiros albores da manhã.

Foi a revista mais indecente, onde estive.

Vinte e seis soldados e um official de infantaria formados, e não tendo de vestimenta senão aquella que Deus nos deu ao nascer.

Estavam tão nús como Venus.

— Numeram-se a partir da direita, disse o tenente. Os numeros impares sahirão das fileiras para se vestir; os numeros pares patrulharão a cidade até que sejam mudados pelo destacamento que vae se vestir.

Permitta-me dizer-vos que patrulhar uma cidade sem ter sombra de roupa sobre si, dá uma nova sensação.

Fiz parte da patrulha durante dez minutos, e confesso que no fim desse tempo estava ruborizado.

As mulheres riam!

Nunca me ruborizei, nem antes, nem depois: mas neste momento, estava vermelho da cabeça aos pés.

Quando nos vestimos, contamos os mortos: setenta dacoitas sem falar dos feridos. Tomamos cinco elephantes, cento e setenta e sete sniders, duzentos dahs e varios outros armamentos.

Nem um de nós estava ferido, salvo o tenente, e ess msmo só no seu pudor.

O chefe dos dacoitas quando veiu se render, disse ao interprete:

— Se nús os Inglezes se batem assim, que diabo farão quando vestidos?

Passamos o resto do dia, a passear o tenente pela cidade, carregando-o sobre nossos hombros, a jogar com os pequenos Birmans.

Quando abandonei a India por causa da disenteria, disse ao tenente:

— Meu tenente, o senhor tem a fibra de um grande homem, mas permitta a um velho soldado de vos dizer, gosta muito da theoria.

Elle apertou-me a mão dizendo:

— Não ha meio de vos contentar Mulvaney. Viu-me dansar em Lungtungpen no costume de um pelle-vermelha, sem sua pintura de guerra e ainda acha que gosto muito de fazer theoria?

— Meu tenente, disse eu, (porque tinha affeição a este pequeno) comsigo dansarei de uma extremidade a outra do inferno, e os camaradas tambem.

Depois desci o rio no barco chato, deixando-lhe minha benção. Possam os santos o levar a conquistar grandes glorias, porque era uma boa peça esse joven official.

Para terminar, tudo que acabo de dizer mostra que, do soldado de tres annos, é que se tira mais proveito.

Cincoenta velhos soldados, seriam capazes de, nas mesmas condições, tomar Lungtungpen?

Não: elles teriam visto o perigo da febre e do resfriado sem contar os tiros de fuzil; duzentos homens seriam necessarios.

Mas os soldados de tres annos, em sua ignorancia, não vêem tudo isso; e onde não existe medo, não existe perigo.

Estavam nús na tomada de Lungtungpen; tomariam de cerca S. Petersburgo. Sob minha palavra que seriam capazes de tal!

Dizendo isso, Mulvaney retomou sua rede de borboletas e voltou ao quartel.

TRADUCÇÃO DE PAULO DE MEDEIROS

Uma conquista da imprensa no 28.° anniversario da A. B. I.

Dr. Herbert Moses, presidente da A. B. I.

A Associação Brasileira de Imprensa commemorou o 28° anniversario de sua fundação com uma grande conquista. Por intermedio do Ministerio da Fazenda, o Governo federal concedeu isenção de direitos para a importação do papel de imprensa.

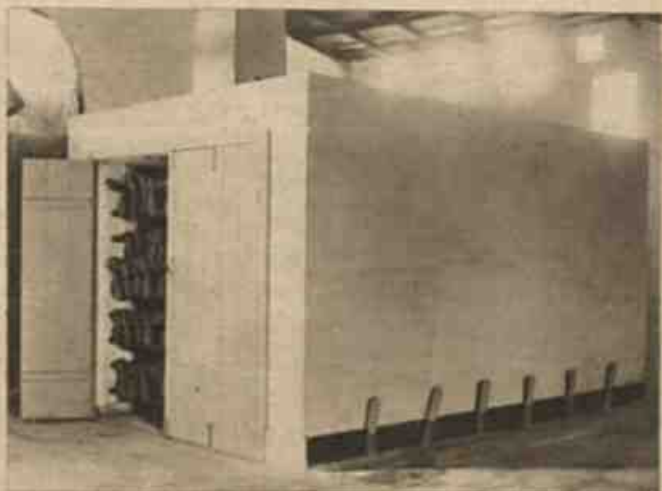
Ha varios annos, aquella sociedade de classe vinha pleiteando essa medida em beneficio das empresas jornalisticas. As autoridades da Republica, embora reconhecessem os serviços diariamente prestados pelos jornaes á Nação e ao governo, constituindo-se uma das instituições educativas mais poderosas em nosso meio, sempre protelaram a concessão desse beneficio.

Finalmente, a 7 do mez de Abril corrente, data anniversaria da Associação Brasileira de Imprensa, o Chefe da Nação assignou o acto, concedendo a isenção de direitos, o que veio desabafar as empresas jornalisticas de um onus pesadissimo, dada a premencia do mercado de cambios.

A A. B. I., por intermedio do seu presidente, Sr. Herbert Moses, cuja efficiente actividade mais uma vez se coroou de exito, agradeceu ao Presidente da Republica e ao Ministro da Fazenda e vae homenagear a esta ultima autoridade com um jantar, a que comparecerá toda a directoria dessa associação de classe.

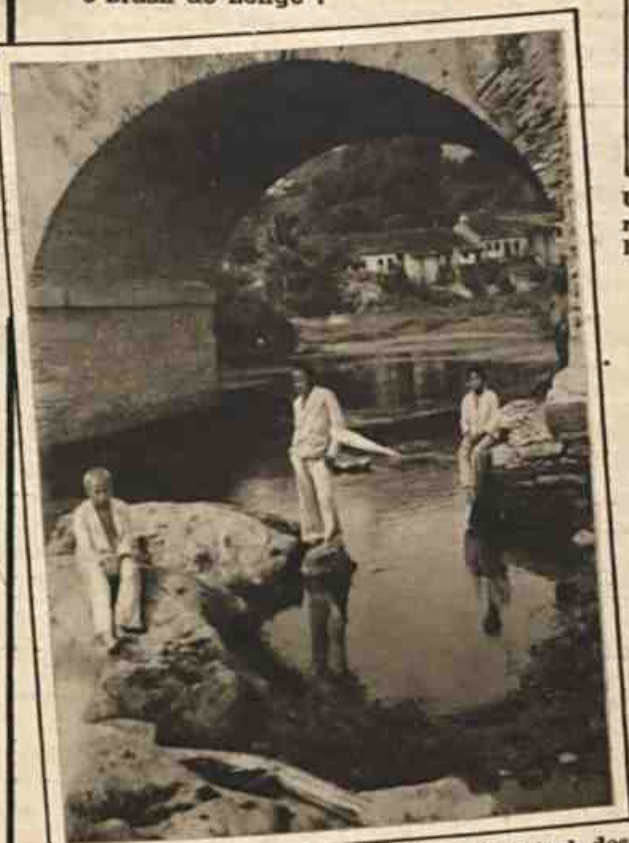
VISITANDO A A. B. I. — Visita á séde da Associação Brasileira de Imprensa da jornalista allemã Sra. Louise Diel, que viajou a bordo do dirigivel "Hindenburg".

A CONSERVAÇÃO DE FRUCTAS SEM FRIGORIFICOS

—Damos aqui um aspecto da camara de conservação de frutas, carnes, peixes e similares, construida no Pará pelo chimico brasileiro, Sr. Luiz Fialho. Tendo obtido os mais completos resultados, o Sr. Fialho, depois de diversas experiencias perante os nossos technicos, acaba de tirar patente de invenção desse systema que vem revolucionar o commercio de fructas, principalmente. Consiste elle em submetter esses productos á acção de uma corrente de calor secco artificial e de ar puro. Com isso, fecham-se os póros das fructas e, evitando a penetração da humidade do ar, se conservam ellas mezes e mezes, nada perdendo do seu viço, sabor e qualidades nutritivas.

A EXPOSIÇÃO DE CARTAZES DA LIGA DA DEFESA NACIONAL
Aspecto colhido quando da exposição de Cartazes da Liga da Defesa Nacional, realizada, ha dias, numa das dependencias da "A Exposição".

VIAJANDO PELO BRASIL

Photographias do Conego Monteiro Barbosa, enviadas para o concurso "o Brasil de Longe".

Um trecho do rio Cotinguiba, que banha a cidade.

Velha ponte de "pedra e cal", o ancestral dos viaductos de concreto armado. Fica sobre o rio Cotinguiba.

Descanço dos carros de bois numa praça da cidade, após a descarga do assucar.

LARANJEIRAS, em Sergipe, é a cidade dos santuarios. Além dos que se encontram nas egrejas, nos muros que circumdam a "urbs" se vêem numerosos altares, onde se adoram imagens sagradas. Afora essa particularidade, que a caracterisa, Laranjeiras tem aspectos bonitos que impressionam agradavelmente todos os que a visitam. Vamos olhar os que se reproduzem nesta pagina, para ver si não é verdade...

Uma egreja cheia de tradições. Ao alto, no fundo, vislumbra-se outra capella.

Neste alambique se fabrica uma "pinga" do outro planeta... A celebre "canninha de Laranjeiras".

Henrique Bernardelli,
oleo de Sarah Villela de Figueiredo

O ULTIMO DOS BERNARDELLI

VÃO-SE os mestres... Desapparecem as glorias mais rutilas da arte pictorica nacional que um desnorteado modernismo tenta desmerecer.

Baptista da Costa, o emocional lyrico da côr, Decio Villares, Belmiro de Almeida, Rodolpho Bernardelli. Agora chegou a vez de Henrique Bernardelli.

No paiz alheio ás maravilhas estheticas, insensivel ás creaturas que florescem em suggestões, que a Arte immortaliza, esses creadores de belleza deixaram uma obra que a incuria dos homens vae destruindo e uma memoria que se esvanece completamente.

Que se tem feito para a lembrança de Baptista da Costa, Decio, Belmiro e Rodolpho Bernardelli?

O que agora se foi, aos 77 annos, formava uma triade com Felix e Rodolpho. Artistas, desde cedo, graças aos estimulos e á orientação do pae, que era musico, começaram a amar a arte. Aprenderam, trabalharam, ensinaram, fazendo-se mestres de gerações successivas. O primeiro a desapparecer foi Felix Bernardelli, pintor de genero.

Os dois que ficaram, Rodolpho, o notavel esculptor do "Christo e a adultera" e Henrique, o grande pintor do "Bandeirantes", irmanaram-se mais profundamente na actividade e no bem-querer á arte. Construindo o seu magnifico atelier-residencia na Avenida Atlantica, deante do mar, os dois trabalharam intensamente e se rodearam de discipulos illustres. Ambos eram cultos e sensiveis. Viam o espectaculo da vida com serenidade e philosophia e acompanharam com interesse a renovação artistica no mundo. Estavam a par de tudo e á margem de tudo. Trabalhando, construindo, um enchia galerias de quadros, o outro enriquecia tambem as praças de monumentos. Fizeram-se dos maiores mestres da arte nacional, nenhum tendo nascido no Brasil. Para a immortalidade de ambos bastam um marmore e uma tela: "Christo e a adultera" e "Bandeirantes".

Morto Rodolpho, ficou sózinho Henrique Bernardelli, que se desfez do atelier, que noutro paiz seria o "Museu dos Bernardelli".

Mas não deixou nunca de trabalhar. No anno passado vimol-o em exposições e este anno fazendo o retrato de Sarah Villela de Figueiredo, a artista que é sua discipula eminente.

Com Henrique Bernardelli desappareceu um dos maiores mestres da arte brasileira. Como pintor de genero, paizagista ou retratista, são notaveis telas como o retrato de Machado de Assis, "Proclamação da Republica", "A Tarantela", além de varios paineis decorativos.

O pintor extraordinario augmentou a triste romaria dos mestres que se vão.

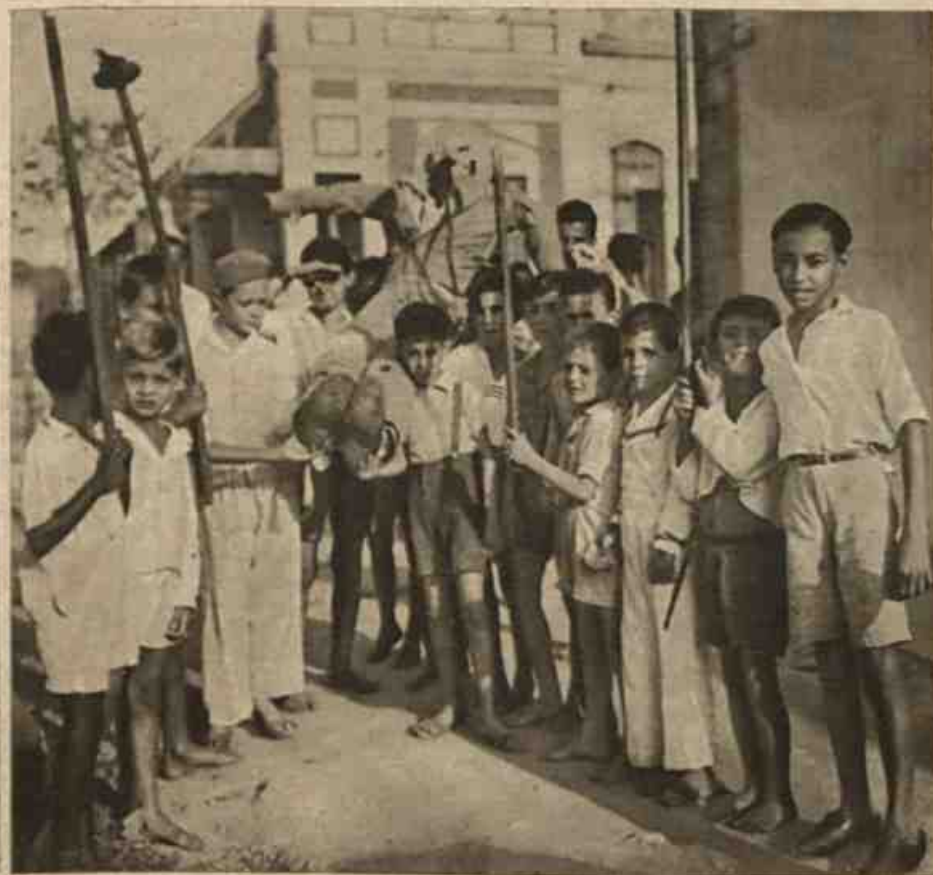
Maior dos maiores, mau grado os exemplos que vemos diariamente, o seu nome não deve ficar no Nucleo Bernardelli, que lhe zelará a memoria. Deve ir mais além, como uma expressão de que ainda sabemos amar as coisas imperecíveis do espirito.

CARLOS RUBENS

ALLELUIA! CHEGOU A HORA DE MALHAR O JUDAS

Um Judas de panno enforcado num lampeão

A queima do Judas é uma velha tradição de nossa terra que o progresso da cidade ainda não conseguiu enterrar. Em todos os sabbados de Alleluia, a Capital Federal e Nictheroy amanhecem com uns bonecos de panno pendurados em postes de lampeões ou são carregados pelas ruas. Aqui vemos um grupo de garotos malhando o Judas, no meio da rua sobre o asphalto carioca.

Outro Judas aguardando a hora do sacrificio...

A garotada carregando o boneco de panno e armada já de cabos de vassoura

BODAS DE PRATA — Missa mandada celebrar pelos amigos do casal Manoel José Gomes — D. Leonor Torrentes Gomes, no dia em que commemoravam suas bodas de prata.

ALMOÇO DE REGOSIJO — Por motivo do restabelecimento do Sr. Peter Swanson, gerente da C. de Aposentadorias e Pensões das Cias. Light, Jardim Botanico e Soc. du Gaz, foi-lhe offerecido um almoço pelos funccionarios da Administração, após o qual foi fixado este aspecto.

A INSTRUCÇÃO NA BAHIA — Uma aula pratica de apicultura, ministrada aos alumnos do Gymnasio Santanopolis, em Feira de Sant'Anna — Bahia.

REGRESSO — Pessoas amigas e admiradores do Dr. Candido Pessôa, que o foram receber, por occasião de seu desembarque, de regresso da Parahyba. Vê-se ao centro o prestigiado politico carioca.

DIA PAN-AMERICANO — Aspecto tomado antes do almoço de cordialidade e confraternização realizado pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, para commemorar o Dia Pan Americano.

PROF. JURASZ — De passagem por esta Capital, o prof. Dr. Antonio Jurasz teve opportunidade de realizar algumas conferencias sobre assumptos medicos. Vemol-o aqui quando se fazia ouvir na Soc. de Medicina e Cirurgia, sobre o thema "Considerações sobre o tratamento das vias biliares".

ALBUM ORIGINAL DE UM CEGO

Será publicado muito breve um album organizado por um cego propagandista da Alliança dos Cegos do Rio de Janeiro.

A originalidade consiste na collectanea de notas relativas á situação dos cegos no Brasil, notadamente nesta capital, illustradas de clichés e reclame das principaes casas commerciaes.

E' seu organizador Pedro Bacellar da Costa, cego, que vae solicitar auxilios ao commercio desta praça para consecussão dessa idéa que é exclusivamente delle.

Auguramos um feliz exito a esse projecto, que vem despertando grande sympathia no meio literario a que tem recorrido.

Duas cartas

Di Cavalcanti

ILLUSTRAÇÕES DE NOEMIA

RECEBI sua carta. E' difficil imaginar meu embaraço diante o facto consumado do seu casamento. Não poderia impedir sua resolução. E, mesmo que o pudesse me seria penoso intervir no destino de quem foi tudo para mim."

"Para você parece que o nosso amôr foi vivido apenas como uma experiencia reflectida intelligente egoista."

"Eu ao contrario procedi como um perdulario me entreguei completamente a você. Desejava que tudo se desmoronasse em mim para reconstruir em mim mesmo um novo homem seu escravo. Era um profundo amôr como daquelles que diz sempre "jamais maior existiu!"

Quando resolvemos romper..."

Estava nesta phrase da carta quando o telephone tilintou com violencia.

Antonio Luiz sentiu um choque violento. Immobilizou-se um instante. Deixou cahir a penna e estendeu o braço para buscar a voz que o chamara.

A telephonista pedia que esperasse um instante, porque de Petropolis desejavam falar.

— De Petropolis.

E logo a voz de Maria Thereza: — "Você recebeu minha carta?..."

Antonio Luiz dominou-se. Respondeu com affetada calma: — Sim. O correio é pontual, quando se trata de más noticias.

— "Mas ouve meu amôr! Não me foi possivel casar. Que cousa horrivel se eu me casasse. Você não conheceu meu noivo. Um homem perfeito na opinião de meu Pae. Fugi! Estou aqui em Petropolis com Alberto. Imagina o escandalo em S. Paulo!

Antonio Luiz era um resuscitado. Entrecortava as palavras de Maria Thereza com exclamações de alegria... E já ciumento:

— "Quem é Alberto?"

— "Alberto? O bull-dogg que você me fez presente..."

No dia seguinte subiu a Petropolis. Encheu o automovel de livros francezes, de bon-bons de excentricos bibelots, de perfumes raros. A estrada larga e silenciosa levava-o suavemente. A velocidade dava um bem estar novo aos seus nervos cansados. Sabia' que Maria Thereza esperava-o com uma personalidade nova... bem mais mulher.

Pensou um momento como seria ridiculo se tivesse enviado a carta interrompida pela mais extraordinaria surpreza de toda sua vida amorosa.

Augmentou a marcha do carro. Quando estava defronte do hotel seu coração batia.

Maria Thereza correu para recebel-o. Não se contiveram beijaram-se ali mesmo nas bochechas do porteiro.

Estreitando-a nos braços Antonio Luiz sentiu um corpo pesado. Um corpo que não era aquelle das escapadas de tres annos atraz.

Maria Thereza pareceu-lhe que o sentia tambem extranho...

O chalet no meio de hortensias acolheu-os carinhosamente.

—:—

Depois, tempos depois, uma outra carta de Antonio Luiz para Maria Thereza terminava assim:

"Quando resolvemos romper não nos amavamos mais. Você me tolerava e eu me conformava com suas excentricidades, porque não valia a pena lutar com o seu temperamento. Nunca porém deixei de ser seu amigo. E agora posso ser até seu conselheiro na sua vida nova a se iniciar.

Soube que seu futuro marido é um homem excellente, com cultura e fortuna e, bastante paciente para comprehender os caprichos deliciosos da esposa... De todo coração desejo-lhe muita felicidade.

Um grande abraço do seu velho

Antonio Luiz

O telephone não tilintou. Aquella carta era bem differente...

GRAMMATICA MYTHOLOGICA

O povo romano, á medida que ia alcançando victorias sobre outros povos, impunha-lhes o seu idioma, o latim.

Falada por muitas raças e em logagares differentes, a lingua latina, que existia na fórma classica e na forma popular, ramificou-se nas quatro linaguas romanicas.

A lettra B, que vivia calma em muitos vocabulos latinos, passou tambem ao portuguez.

Chronos, porém, resolveu expulsal-a de certos vocabulos do nosso idioma, substituindo-a pelo V.

Isto lhe causou tanto desgosto, que se viu obrigada a conversar com o seu rival.

Encontrando-se, travaram forte contenda, da qual resultou um accordo: iriam a Chronos para que elle resolvesse a questão.

— Eu, disse o Tempo, estou apenas cumprindo a minha obrigação para com Zeus. Transformar tudo que ha no Universo é meu dever.

Não encontrando resolução, foram ao deus dos deuses e lá se empenharam numa discussão, cada qual querendo mais captivar a preferencia de Zeus:

— V — Sou Venus, deusa da Belleza e do Amor; encanto os olhos da humanidade e uno o homem á mulher.

— B — Eu sou Bacho, deus da Embriaguez; dou alegria aos homens, affastando-lhes os tormentos da vida.

— V — De ti, Bacho, o homem recebe a desgraca.

— B — O' Venus, deusa do Amor, que és, senão as dunas que o vento do deserto levou, deixando apenas um residuo arenoso?

— V — Que queres dizer com isto?

— B — As dunas arrastadas pelo vento representam o Amor, que o tempo consome; o residuo arenoso é a Amizade, consequencia do Amor e que o tempo, sem a morte, não pode consumir.

O Amor é um nomada de corações. A Amizade é que é constante, só a morte a destroe.

— V — Como queres a preferencia de Zeus, si tu mesmo bemdizes de mim?

— B — Não bemdigo de ti, mas da Amizade.

— V — E o que é a Amizade, senão o Amor enfraquecido, porém constante?

Intervindo, Zeus lhes disse: Vós, que sois deuzes estaes brigando?

Não brigueis, amigos, vivei sempre em paz, para que possaes dar aos homens um exemplo de união e lealdade.

E foi assim que o B e o V se uniram nos labios do povo lusitano.

A. B.

ARILIA?

— Ella mesma. Quem está fallando?

— Ruth.

— O'! és tu, bemzinho?

— E então, filhinha?! Como vaes?

— Assim-assim. E tu? Vaes noivar mesmo?

— Parece. O jovem esculapio é todo bondade.

— Esculapio?

— Sim, Marilia. Um medico do outro mundo, novinho em folha, sahido da fôrma agora.

— E tão depressa?

— Essas cousas, nos dias de hoje, são ligeiras. O coração corre tanto como o Zeppellin...

— Maluquinha!

E gargalhadas finas, maliciosas, rebôaram dos dois lados do fio.

— Marilia, escuta: hoje ás tres, na Confeitaria. Quero apresentar-te ao meu clinico.

— Certo, filha.

E o estalo de dois beijos, ouviu o fio.

* * *

Ruth noiva?! Seria mesmo?

E Marilia, deitada na sua poltrona, olhando de cima do seu palacete burguez, pensava no casamento de Ruth.

Ruth casar! Mais moça do que ella. Menos culta. Menos intelligente, affirmavam. Nunca passára dos romances massudos de Delly e Marden. Typo "bibliotheca das moças". Emquanto ella, lia assumptos importantes. Sciencia. Doutrina. Litteratura forte, de homem. Não, não havia explicação.

Pegou, novamente, no livro que estava cahido das suas mãos. E leu sem querer, já que tantas vezes léra querendo, o titulo de uma obra que estava fazendo rebolico. Um romance moderno. Que contava a vida dos homens que trabalhavam nas uzinas. Nos engenhos. E viviam passando fome. Fome de pão e fome de livro. Mas, a despeito dessa descripção forte (o autor era um mestre na descripção) tambem havia um romance finissimo, de amôr. Uma historia bôa que só podia ser real. Era preciso ter vivido aquillo, para poder escrever. E encadeando os pensamentos pelo soffrimento, chegou outra vez a Ruth!

Ruth casar! Era quasi inacreditavel. Uma doidivanas! Pequena que passeia nas baratinhas loucas, dos rapazes ricos da cidade! Pequena que mora na rua, desde que o dia nasce até quando morre. Era quasi inacreditavel! E se casasse com um individuo qualquer, ainda bem. Mas um medico! Um homem formado! Que pensa, que trabalha, que ganha dinheiro! Era quasi impossivel!!

Olhou novamente para o livro: seria? E por que o livro lhe forçava interrogações? Diabo de romance que lhe apunhalava com interrogações...

E comprehendeu. O romance dizia nos seus capitulos reaes. Ruth era o typo da mulher de um seculo! De um seculo? Não, de um pedaco de seculo! Leviana. Voluvel. Desajuizada. Inculta. Mulher de aventuras amorosas, só e só! E o medico? Era novinho em folha, sahido da fôrma agora. Um dos muitos que enchem as avenidas catando clientes...

E olhando longe, com o romance moderno cahido das mãos, deitada na sua poltrona no andar de cima do seu palacete burguez, Marilia raciocinava como uma creatura que estivesse trabalhando para viver. Porque o trabalho ensina uma nova maneira de pensar...

* * *

— Marilia?

— Sim.

— Então não viestes, filha?

— Impossivel, querida. Uma indisposição atormentou-me a tarde toda.

— Pois eu falei em ti, ao clinico.

— Assim?

— E elle disse que te conhecia ?...

— A mim?

— Sim. Fez elogios, tantos mesmo, que fiquei doidinha de inveja.

— Quem é elle?

— E' o Dr. José Maria Bom-Jesus.

— Ah! Não tenhas medo, filha!

E a conversa banalizou-se.

* * *

José Maria Bom-Jesus! Só podia ser elle mesmo, ou typo sua marca! Cavalgadura! Sahira do curso por antiguidade!

Esculapio! Novinho em folha. Sahido da fôrma agora. Só se é como esses peixes que se enlata. São novos nos armazens e "marinheiros velhos" nas latas! José Maria Bom-Jesus! Dava certo! Pois elle, o jovem esculapio, não lhe dissera certa feita, que Balzac era poeta brasileiro! E nortista do nordeste!

HUMBERTO DE ALENCAR

O DIADEMA DA VIRGEM

A O diadema da Virgem faltava uma perola.

O Senhor chamou o anjo Gabriel e disse-lhe:

Percorre o espaço, rebusca todos os cantos da terra, desce ao fundo dos mares e traze-me uma joia que seja digna de completar a corôa da Rainha do Céo.

E o anjo Gabriel desdobrou as suas grandes azas de um azul rutilante e partiu.

Viajou muito tempo, indo de estrella em estrella e de mundo em mundo, penetrando nas grutas mysteriosas do oceano profundo e mergulhando o seu olhar nas entranhas da terra.

Percorreu depois os jardins em flor, os parques perfumados; mas o lirio não é bastante puro, a rosa não é imensamente bella. Senhor, Senhor, mormurou o anjo, nada é digno do diadema da Virgem!

E, pensativo, Gabriel voltava para o pé de Deus, quando deixou cahir o seu olhar numa pobre choupana, que tremia ao vento nordeste.

E logo uma alegria incomparavel illuminou o rosto do celestial mensageiro.

A' cabeceira da mãe doente viu uma pobre creança ajoelhada e de mãos postas.

Os seus grandes olhos azues erguiam-se para o Céo, e, supplices, dirigiam ao Senhor uma prece muda.

Nas franjas das suas pestanas tremeluziam as perolas raras, tão procuradas pelo anjo Gabriel, para serem engastadas no diadema da Virgem.

IRACEMA PAES LEME MENDES

O CONDOR

(NO ANNIVERSARIO DA MORTE DE CASTRO ALVES)

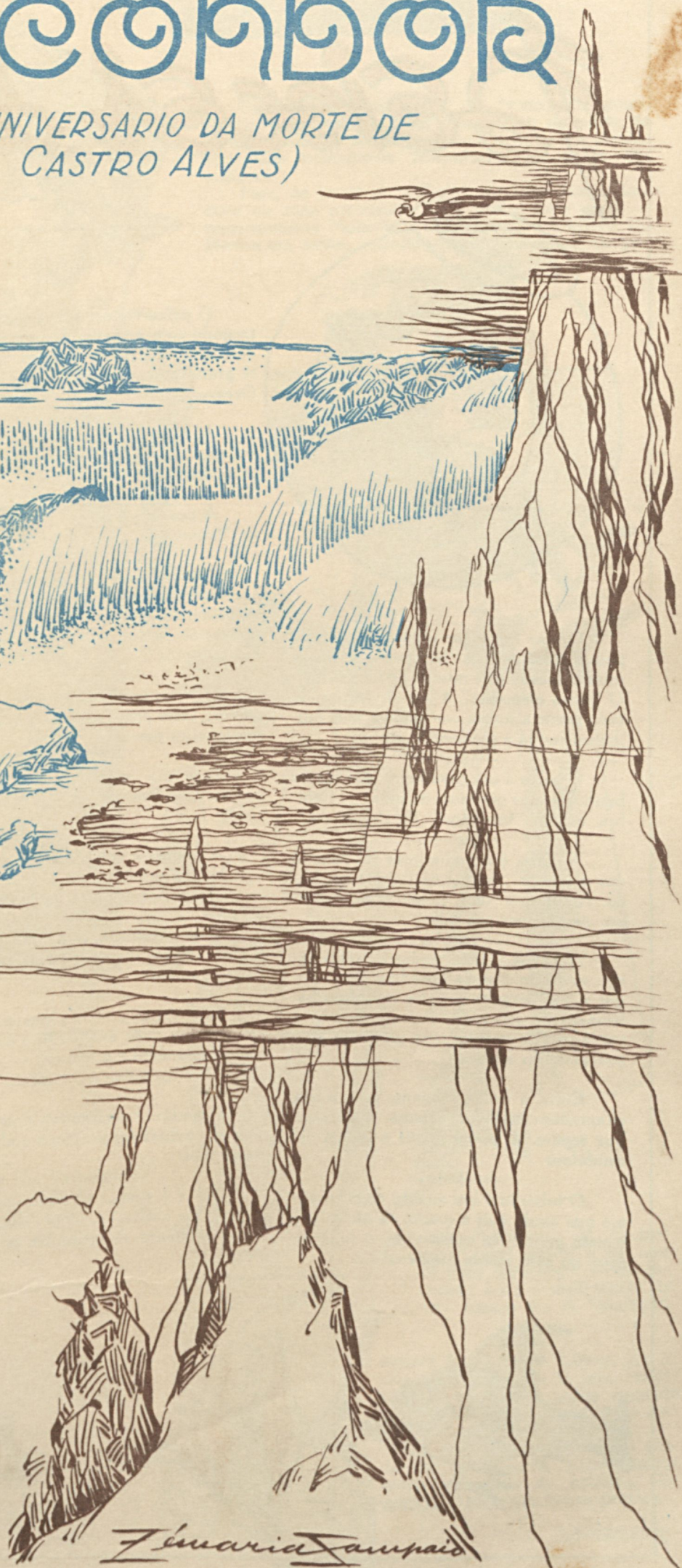
A AFRANIO PEIXOTO

As espumas fluctuantes de teu verso,
Transformadas em marmore de Paros,
Ficaram, neste canto do universo,
Como altaneiros monumentos raros.

Oh, rebento divino, que um perverso
Destino fulminou, quando os preclaros
Dons de teu genio – sol no oriente emerso –
Vinham jorrando os raios seus mais claros!

No anseio de escalar a immensidade,
Aos céos ergueste, como agudas cimas,
Altas idéas, pensamentos grandes.

E ao rolares no mar da eternidade,
Ficou teu nome alçado em tuas rimas
Como o Condor pairando sobre os Andes.

Antonio Salles

O mar é o logar em que vivem os peixes, morrem os homens e se afoga muita illusão neste mundo de Christo... O "salso elemento" é um abysmo onde tudo perde a forma — inclusive as mulheres que já a perderam...

—:o:—

O peixe é um cavalheiro que faz do banho de mar um meio de vida... Lembra, até, os "banhistas" da Prefeitura...

—:o:—

A **piaba** é a melindrosa da familia dos peixes. E' um fio de linha electrisada. Ainda não tem juizo, mas já tem um desejo: ser pescada...

—:o:—

A **baleia** é uma senhora respeitavel, que tem muitos predios para alugar e usa **lorgnon**... As mulheres-baleias levam sobre as baleias legitimas a vantagem de possuir uma garganta proporcional ao appetite...

—:o:—

Entre a noiva elegante e a sogra enxundiosa existe a mesma differença que separa da **piaba** gentil a **baleia** escandalosa...

—:o:—

O **tubarão** é um sujeito de máu genio que ainda tem a mania de andar comendo gente. Na outra vida, o tubarão deve ter sido conde medieval...

O **peixe-voador** é um individuo estragado com a mania dos grandes **raids** aereos. E' um peixe de circo, que diverte gratuitamente os peixinhos pobres do Oceano...

—:o:—

A **pescada** é um peixe infeliz: como não faz mal a ninguem, toda a gente a come...

—:o:—

A pescada é o typo perfeito do peixe "bonzinho"...

—:o:—

A **sardinha** é uma victima da falta de accommodações nas latas de conserva... A sardinha, ao ser enlatada, deve ter a impressão de que os alugueis de casa subiram muito...

—:o:—

O **peixe-agulha** é um peixe honesto: prefere viver como alfaiate a fazer alguma loucura por ahi...

—:o:—

A tainha, como certas mulheres, nasceu para fazer da elegancia uma profissão...

—:o:—

A **enguia** é uma creatura sem palavra. Nunca se póde contar com ella. Vive a escapulir-nos entre os dedos!

—:o:—

Que impressão terá uma sardinha timida ao ver, dentro d'agua, certos velhotes cynicos?...

—:o:—

De todos os animaes que tomam banho de mar (não excluindo o cachorro) o mais exquisito é o homem — e o mais parecido com peixe é a mulher...

—:o:—

A mulher, de **maillot,** é um peixe, com as barbatanas a menos e alguns vicios a mais...

—:o:—

Que é a praia? O ponto em que a terra firme acaba, e, com ella, muita cousa oscillante. A vergonha, por exemplo...

Uma mulher semi-nua é mil vezes mais nua do que um homem completamente nu...

—:o:—

O peixe é um cavalheiro que sabe andar nu com decencia...

—:o:—

Os senhores já imaginaram uma baleia com vestido estampado?...

—:o:—

O bacalhau é o funccionario publico dos peixes: anda sempre imprensado...

—:o:—

Dá-se o nome de banho de mar a uma especie de banho de que muita gente sahe mais suja do que antes delle...

—:o:—

O **siri** é um animalzinho que não quer, de modo algum, reconhecer o seu parentesco com os caranguejos...

—:o:—

A mulher e o peixe deixam-se levar pela isca e, depois, queixam-se do anzol...

—:o:—

Ser pescado é o destino natural dos peixes e das perolas. Pescar é occupação predilecta de alguns homens, e o destino unico das mulheres...

—:o:—

Pescar em aguas turvas póde ser feio — mas é uma prova de habilidade na pescaria...

—:o:—

O **espardarte** é um antigo soldado de cavallaria que não deixa a sua espada, mesmo quando "anda a pé"...

—:o:—

Não é a escama bonita que livra um peixe de acabar na panella. A panella é o destino commum dos peixes que viajaram no dorso das ondas, e das gallinhas que nunca sahiram do estreito limite do gallinheiro... Isso é uma advertencia natural aos homens tôlos e ás mulheres bôbas, deste mundo e do outro.

SENHORA
suplemento feminino

.Um vestido para jantar: de "marocain" roxo-violeta, saia godeada num panno bem na parte da frente, blusa de fôfas mangas e adorno de perolas em duas cercaduras irregulares em volta das mangas.

Para de tarde o "tailleur" de seda cinza, azul doce ou rosa arroxeado é de muito bom gosto — naturalmente "toilette". Com elle rivalizam os talhados em setim, velludo preto ou marinho. Os primeiros tambem se talham em lã nos referidos tons, (lã leve, "mouchetée", "souple"), ainda cabendo como tonalidade esplendida o verde "pistache".

Alliás o "tailleur" retoma o plano em que esteve, annos atraz, como vestuario de positiva elegancia e effectivamente pratico.

SORCIÈRE

"Ensemble" de lã verde pistache, botões e cinto de camurça "marron".

"Ensemble" de seda escoceza e lã marinho; saia de flanela verde, blusa listrada preto e branco.

Dois "tailleurs" de "marocain" azul pastel e de leve lã rosa arroxeado. Neste segundo ha o complemento de um casaco de lã "marron".

Casaco de "taffetas" vermelho ferrugem, saia "beige".

SENHORITA...

Só as descripções dos modelos que nos interessam agora faz com que julguemos da graça e do requinte de bom gosto que presidem a confecção dos vestidos da nova estação.

Alliás, nada mais de accordo com a nossa phase de outomno que a phase primaveril da capital franceza.

Os figurinos de lá estão, deste modo, de accordo com a temperatura amena do Rio.

A' tarde, para o chá ou o "cocktail", exigem-se trajes um pouco "toilette", mesmo porque não raro a carioca janta fóra de casa, sendo, por conseguinte, raros os jantares na intimidade do "home".

Como
vestem

DE TUDO UM POUCO

FLORESTA DE EXEMPLOS

XXII

ACERCA DO DIABO

(João Ribeiro)

Por fraqueza humana, muito mesquinha consideração se presta ao diabo.

Apenas um proverbio quasi heretico escapou ao sentimento popular, quando diz que o **diabo não é tão feio quanto o pintam.**

Os inglezes dizem com egual veracidade que o Inimigo não é tão preto como nas estampas orthodoxas. M. Conway, demonologista famoso alegava o bom exemplo de uma dama ingleza que reverenciava o diabo com boas palavras, porque não se deve falar mal de pessoa alguma; e sendo grande o poder do demonio, tratal-o bem é um excellente principio: **It is safer,** dizia ella.

Um dos grandes doutores do christianismo primitivo, Origenes, escrevia que "penas eternas" não se compadeciam com a infinita misericordia de Jesus.

O diabo, rebelde e contumaz, podia arrepender-se e é crença geral que se tem arrependido algumas vezes.

Assim pensaram alguns theologos concedendo, caridosamente algumas modestas virtudes ao Anjo do mal.

A maldade deve fatigar e porventura, graças á humana ou divina variedade, póde o "tinhoso" aspirar á rectidão e á boa fama de creatura prudente.

Estando eu a convalescer de certas tristezas de espirito, refugiando-me na solitaria região da Baixa-Franconia, passei alguns dias em tratamento e cura de meus males na risonha cidade de Wurzburgo, a antiga Herbipolis, de encantadora medievalidade.

Achando-me ahi a meditar uma tarde ou antes a ver a enchente do Veno que desatava impetuosas caudaes sob a ponte do Luitpold, vim a praticar com um desconhecido que soube ser mais tarde um doutor em sciencias occultas, o qual me informou de casos singulares e interessantes:

Veio a esse intento um caso referido nas chronicas de Wurzburgo, que é ao mesmo tempo espantoso e edificante.

Havia certo fidalgo allemão buscado um lacaio que o servisse e desesperava já de encontral-o a seu agrado, quando á volta do caminho que levava á cidade proxima, se lhe apresentou um joven de boa apparencia, de voz doce e humilde, que desejava emprego naquellas terras.

Foram logo contratados os seus serviços e o fidalgo reconheceu quanto era prompto e obsequioso o rapaz. Fel-o seu pagem e homem de toda confiança.

Uma vez em que o barão se viu acossado por dois bandos inimigos, o rapaz aconselhou o seu amo a atravessar a torrente do rio, para fugirem ambos á sanha dos salteadores.

E o aviso foi logo cumprido.

Foi como se as aguas descessem e mostrassem um vau, por onde passaram incolumes.

— Só o diabo poderia aqui passar, clamou um dos bandidos da margem opposta.

De outra feita, a esposa do fidalgo adoecera e foi achado pelos physicos que a examinaram, haver apenas um meio de a salvar e seria dar-lhe o leite de uma leôa do deserto.

— Irei buscal-o, disse o pagem.

— Como? se a Arabia ou a Lybia ficam tão longe!

O pagem desappareceu por aquella noite e ao amanhecer do dia seguinte trazia n'uma vazilha ethiopica o remedio appetecido.

O fidalgo maravilhado desse e de outros prodigios, não se conteve que não apertasse o pagem, exigindo-lhe a confissão de seus sobrenaturaes poderes.

— Quem és tu, afinal?

— Eu sou (disse o pagem entre confuso e arrependido) eu sou um daquelles anjos decahidos que acompanharam Belzebuth na antiga rebellião contra o Senhor Deus. Mas, estou arrependido e cansado da minha vergonhosa profissão de tentador e de demonio. Desde que fui precipitado do céo com as legiões infernaes procurei entre as minhas maldades um resquicio de virtude, servindo aos homens para me consolar da minha desgraça.

E tamanho foi o abalo de sua contrição que, segundo Christiano de Heisterbach, o diabo recebendo o seu salario, o deixou para o sino que faltava á agreja da aldeia proxima. E desappareceu.

Desappareceu? aqui as chronicas de Wurzburgo interpoladas por um franciscano erudito dizem que não. O diabo não desappareceu sem levar a esposa do fidalgo, aquella mesma que elle curara com a mezinha infernal do leite de leôa.

O fidalgo, esse sim, esse desappareceu chorando os dois seus amigos infieis, a esposa que perfidamente o acariciava e trahia e aquelle pagem tão cheio de obsequios e serviços.

Não tenho autoridade para desmentir um franciscano, que tanto contribuiu para o esplendor da Ordem seraphica, mas cá em baixo, posso repetir com o vulgo ignaro que o diabo não é tão feio como o pintam.

Um poeta sagrado, inglez, George Herbert é da mesma opinião quando escreve:

We paint the Devil black, yet he
Hath some good in him...

E, depois, commentando o caso da esposa do fidalgo allemão, poderia acaso dizer o franciscano se foi o diabo que levou a matrona ou se foi ella que levou o diabo?

O caso é serio, disse-me o dontor das sciencias occultas, na ponte de Luitpold, por onde passavam as aguas e talvez, passasse a baroneza.

O BILHETE PERDIDO

(Guilherme de Almeida)

Duas palavras só, para dizer... o que?
Que não pude ir? Mas a senhora... mas... você
não póde acreditar numa historia como essa
da gravata que a gente estraçalhou na pressa
da toilette; da dôr de cabeça qualquer;
da visita de alguem... que nunca é uma mulher;
da tentação do club; do amigo que se encontra
na rua, e que é casado e, portanto, bilontra,
e que convida a gente e põe-se a recordar
"cousas do nosso tempo" ante o zinco de um bar...

Não me desculpo. Eu penso assim: si ella inventasse,
um dia, uma mentira, e si eu acreditasse,
que pensaria o mundo, e ella mesma, e mesmo eu
deste meu pobre amor?

Um grande beijo.
Seu.

CASAS DE VIDRO

Em Toledo, no Ohio, fabricam-se ha já algum tempo blocos de vidro de tal resistencia que pódem ser empregados na construcção de casas. A firma, que explora o novo methodo de empregar o vidro, começou a construcção de edificios de varios andares. As paredes são translucidas mas não transparentes. E o modo de receber a luz natural e a artificial resguardam os moradores da indiscreção dos vizinhos.

Com o invento se vae o velho dito que o povo tanto emprega: quem tem telhado de vidro...

O vidro hoje em dia tem a resistencia da pedra e a finura da seda, porquanto tambem se estão fazendo vestidos da sorprehendente materia.

ANECDOTA ANTIGA

Depois da primeira representação de "Chandelier", Scribe foi felicitar Musset no "foyer" **da Comedie.** Entre outras cousas, perguntou-lhe qual o segredo de produzir tão bem.

— E o seu? disse **Musset**, num assalto de cortezia.

— E' o de querer divertir.

— Pois o meu é o de divertir-me a mim mesmo — retrucou **Musset.**

BLUSAS

Tres blusas de "piqué" branco para usar com saia escura.

Blusa de setim "laqué" branco, trabalho de ninho de abelha nas mangas. Casaco de lamé prata e azul. São vestes para de tarde.

Blusa de romano rosa secco.

DECORAÇÃO DA CASA

Consólo de marmore amarello e espelho de metal dourado. Velho ornamento de fidalga elegancia.

Moveis novos destinados a "hall" ou varanda.

VESTIDOS NOVOS

Saia e corpete de "marocain" marinho, blusa de seda branca pastilhada de verde.

Costume de lã rosa arroxeado, blusa preta, de "piqué".

Costume de setim "laqué" preto, viés de setim rosa, blusa de egual tom.

Tres vestidos de Claudette Colbert num "film" Columbia.

PARA CONCERTAR RAPIDAMENTE OS 30 KMS. DE CANAES

Para purificar o sangue e manter sadio o organismo, os nossos rins dispõem de cerca de 10 milhões de tubos finissimos, representando um comprimento total de 30 kms. Esses tubos são verdadeiros filtros e devem deixar passar por dia de 1.000 a 1.500 centimetros cubicos de liquido extrahido do sangue.

Quando se apresentam irregularidades da bexiga, tornando-se o liquido escasso ou demasiado frequente, queimante por excesso de acidez, é signal de que os filtros precizam de ser lavados. Esse signal de alarme póde denotar ameaça de dores lombares, sciatica, lumbago, cansaço, inchação nas mãos, nos pés ou sob os olhos, dôres rheumaticas, perturbações visuaes, tonteiras, etc.

Se os filtros não forem desobstruidos com a devida presteza, teremos suspensa sobre a cabeça a ameaça terrivel dos calculos renaes, da nefrite, dos ataques uremicos, da hidropisia, da perda de albumina, phosphato, etc.

As Pilulas de Foster desinflammam, limpam e activam aos rins, sendo ha mais de 50 annos o remedio preferido para combater as doenças renaes.

DOBRAS E RUGAS

Já aos 20 annos se formam nas palpebras superiores e inferiores rugas finas. Quando chegam os 30 annos, apparecem os taes chamados pés de gallinha, com pregas fininhas que se estendem do canto dos olhos em forma de leques. Os sulcos que correm do nariz até os cantos da bocca aprofundam-se. Na testa apparecem pregas horizontaes e na raiz do nariz pregas verticaes.

Na 5ª dezena da vida vem, então, um afrouxamento progressivo tambem da pelle do pescoço e este papo feio. A formação de rugas, naturalmente, não depende sómente, em grandes limites, da edade. Um papel importante pertence á mobilidade ou rijidez mimica do rosto. Sempre, outra vez se faz a pergunta ao medico, como se póde combater estes precursores temidos da edade e sempre elle deve dizer que além do tratamento bom e cuidadoso, a unica possibilidade radical para o afastamento das rugas é a operação. Pelo cortar da pelle superflua e pela suturação das beiradas das feridas alcançam-se uma tensão e um esticamento que afasta os caracteristicos indesejaveis da edade e da lucta pela vida.

Estas operações de rugas podem ser feitas nas fontes ou no couro cabelludo ou devem, quando se tratar de afastar os saccos lacrimaes ou as rugas das palpebras, ser feitas no canto dos olhos. A incisão é livre de perigo e póde ser repetida tantas vezes quantas se queira.

UMA INFORMAÇAO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene da pelle, couro cabelludo, cirurgia esthetica e demais questões de embellezamento ao medico especialista e redactor desta secção Dr. Pires. As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" annexo e dirigidas ao Dr. Pires — Redacção d'O MALHO — Travessa do Ouvidor n. 34 — Rio de Janeiro. Daremos, ainda, em cada numero, conselhos, suggestões e informações sobre assumptos de belleza, pois não é possivel fazermos diagnosticos nem formularmos tratamentos sem o exame pessoal do interessado.

BELLEZA E MEDICINA

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

O MALHO NOS ESTADOS

Um grupo de carnavalescos na cidade de Penedo — Alagôas.

Snrs. João Narciso da Silveira, Josaphat Rosas e Emmanuel Gomes de Menezes, que são, respectivamente, chefe do escriptorio commercial da firma Souza & Irmãos, nosso activo agente e gerente do semanario "Vanguarda" e proprietario da "Empresa Graphica S. José", na cidade de Caruarú — Pernambuco.

Sr. Djalma Araujo, desportista de grande iniciativa, presidente do "S. C. Santa Cruz", de Garanhuns. — Pernambuco.

Sr. Francisco Moreira, um dos mais adiantados fazendeiros de Garanhuns.

Dr. Mario Mattos, acatado elemento da sociedade de Garanhuns, onde exerce a clinica cirurgica-dentaria.

Nosso leitor e amigo Sr. Antonio Pereira, competente contabilista residente em Garanhuns, no Estado de Pernambuco.

JOGOS E PASSATEMPOS

Galeria dos decifradores

Carlos Guimarães (D. Federal) — João de Moraes Barros (D. Federal)

Julio M. de Carvalho (E. Santo) — Ivan Dayrell (Minas Geraes)

Romario de Oliveira (Rio de Janeiro) — José Victorino de Medeiros (R. G. do Norte)

CONTEMPLADOS NO 84º PROBLEMA DE PALAVRAS CRUZADAS

CAPITAL FEDERAL

Ilza Vaz — Rua Venancio Flores, 114 — Leblon.
Gata Russa — Rua Licinio Cardoso, 239 — S. F. Xavier.
Mme. Rudy — Rua Uruguay, 117 — Andarahy.

RIO DE JANEIRO

Lósa Dias — Entre Rios (E. F. C. B.)

PARANA'

Frederico Playsant — Rua Marechal Deodoro, 28 — Paranaguá.
Seu Né — Rua Iguassú, 415 — Curityba.

ALAGÔAS

Perciano Galvão — Rua Barão de Penedo, 293 — Maceió.

MINAS GERAES

Mára — Cidade de Leopoldina.
Setelagoana — Cidade de Sete Lagôas.

PERNAMBUCO

Euclydes Araujo Monte — Rua Dr. Aragão, 7 — Recife.

SOLUÇÃO EXACTA DA 84ª CARTA ENIGMATICA

SABEDORIA ANTIGA

Os faladores são como os copos vasios que sôam mais do que os cheios".
(Uma maxima de Plutarco para os leitores d'O MALHO).

CORRESPONDENCIA

Alguns leitores se têm dado ao trabalho de *copiar*, a tinta nankin, os problemas de Palavras Cruzadas, mandando-nos duas vias, e tambem duas vias da copia das chaves desses problemas, como solução. Queremos deixar esclarecido aqui que a exigencia de DUAS VIAS, A NANKIM, se *refere* não ás soluções dos problemas que publicamos (que devem ser feitas sobre os desenhos publicados) mas sim a COLLABORAÇÕES que os leitores desejem enviar para serem publicadas.

Sultão Filho (Rib. Preto) — *Ulpiano Soares* (?) — *Acelio Contino* (Porto Alegre) — Recebidos os trabalhos. Vamos examinar. A' primeira vista, estão acceitaveis.

Gato Felix (Rio) — Vae demorar um pouco, mas será aproveitado. Agradecido pela offerta da sua composição musical.

CARTA ENIGMATICA

São condições para concorrer aos torneios semanaes: Enviar as soluções á nossa redacção, á Travessa do Ouvidor n. 34, cada uma separadamente em uma folha de papel; fazer acompanhar a solução do coupon numerado correspondente, collando-o para que se não extravie, e fazendo constar nelle, legivelmente, nome e endereço.

Os premios são distribuidos por sorteio entre os concurrentes que enviarem soluções certas, e remettidas sob registro, por via postal.

Para o torneio de hoje 10 (dez) premios serão sorteados nas condições acima. As soluções, para entrarem no sorteio, deverão estar em nosso poder até o dia 23 de Maio e o resultado será publicado n'O MALHO do dia 4 de Junho.

CARTA ENIGMATICA

Coupon n. 87

Nome ou pseudonymo .. ..

.. ..

Residencia .. ..

.. ..

ANNUARIO DAS SENHORAS